UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA

TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTESDA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLÉGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA

PORTO SEGURO/BA
2021

CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA

TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLÉGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Fábia Barbosa Ribeiro.

PORTO SEGURO/BA
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA

FOLHA DE APROVAÇÃO

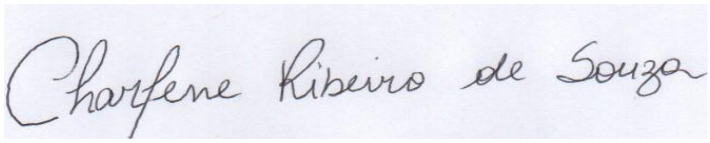
TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLÉGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra.Fábia Barbosa Ribeiro (UNIFESP / PPGER)
Presidenta da banca – Orientadora

Prof. Dr.Alexandre de Oliveira Fernandes (IFBA / PPGER)
Membro interno

Profa. Dra. Rosemeire de Oliveira Souza (UFPA)
Membra externa



Charlene Ribeiro de Souza
Candidata

Webconferência, 30 de novembro de 2021.

Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S729t Souza, Charlene Ribeiro de, 1982 -
Trajetórias de estudantes da educação de jovens e adultos do Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra em Santa Cruz Cabrália/BA../ Charlene Ribeiro de Souza. – Porto Seguro, 2022.
92 f.

Orientadora: Fábia Barbosa Ribeiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Alfabetização. 2. Educação (Jovens). 3. Educação (Adultos). 4. Histórias de Vida. I. Ribeiro, Fábia Barbosa. II. Título.

CDD – 374.012

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

Dedico este trabalho às alunas e alunos parceiros desta pesquisa, que com tanta confiança e simplicidadeexpuseram suashistórias de vida. Sem vocês eu não conseguiria.

AGRADECIMENTOS

ADeus que até aqui tem me sustentado e direcionado nas minhas batalhas diárias.

Aos meus pais, Marivalda e Francisco, que nunca mediram esforços para me ensinar o caminho do bem e sempre me incentivaram em todos os projetos de minha vida.

Às minhas irmãs, Shirley e Scheyla, por acreditarem em mim e torcer pelo meu sucesso.

Ao meu marido, Adson Rodrigues, que também foi colega nessa caminhada de mestrado e que sempre me apoiou e esteve ao meu ladome acalmando nas horas que chorei e que pensei em desistir.

Às minhas filhas,Kamyla e Karyna, que são os grandes amores da minha vida.

Agradeço de coração, a Ana Lúcia, Edna, Lúcia, Joel, Maria José e Patrícia por participarem desta pesquisa e por compartilharem conosco suas vivencias tão inspiradoras.

Ao professor Alexandre Fernandes, tão querido e carinhoso, que muito me ensinou e motivou a fazer esse mestrado.

E agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Fábia Barbosa Ribeiro, por ter segurado minha mão quando eu mais precisava, sua generosidade me motivou e encantou. Obrigada Pró, por ter me aceitado como orientanda.

A todos os amigos que, de alguma forma, contribuíram para a realizaçãodeste trabalho, o meu muito obrigado!

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apreender os sentidos atribuídos à alfabetização pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, apropria-se da pesquisa qualitativa através da ferramenta teórico-conceitual: história de vida. O universo da pesquisa é constituído por seis estudantes que frequentam a turma de alfabetização (1ª etapa e 2ª etapa) do Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, em Santa Cruz Cabrália/Ba. A pesquisa busca investigar as histórias de vida dos sujeitos parceiros por acreditar que é no diálogo que reside à narrativa do sujeito; suas interpretações, seus modos de estar e compreender o mundo; a melhor forma de aproximação horizontal entre pesquisador/pesquisado, de modo a compreender, em última instância, os contextos sociais e de gênero que levaram os educandos a ingressar no ensino regular tardiamente e qual o significado da alfabetização para eles. Para tanto, discorre sobre o cenário da EJA no Brasil até delimitar o panorama da modalidade no município estudado, apresentandoa situação da educação em cada escola municipal que trabalha com a Educação de Jovens e Adultospara, enfim,aprofundar-se na descrição do colégio objeto de análise, além disso essa dissertação se inspira no teórico Paulo Freire, trazendo seu método da palavra geradora. O produto final, apresenta um livro ilustrado digital, contendo as histórias de vida coletadas nas entrevistas e uma sugestão de sequência didática para ser utilizada em sala de aula, a fim de motivar outros alunos que, assim como os parceiros da pesquisa, se desafiam a cada dia com o propósito de se alfabetizar.

Palavras-chave: alfabetização; Educação de Jovens e Adultos; histórias de vida.

ABSTRACT

The present research aims to apprehend the meanings attributed to literacy by the students of Youth and Adult Education (YAE). To do so, it uses qualitative research through the theoretical-conceptual tool: life history. The research universe consists of six students who attend the literacy class (1st stage and 2nd stage) at Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, in Santa Cruz Cabrália/Ba. The research seeks to investigate the life stories of the partner subjects, believing that the subject's narrative resides in the dialogue; their interpretations, their ways of being and understanding the world; the best form of horizontal approximation between researcher/researched, in order to understand, ultimately, the social and gender contexts that led students to enter regular education late and what literacy means to them. In order to do so, it discusses the scenario of EJA in Brazil until delimiting the panorama of the modality in the studied municipality, presenting the situation of education in each municipal school that works with Youth and Adult Education to, finally, delve into the description of the school. object of analysis, in addition this dissertation is inspired by the theorist Paulo Freire, bringing his method of the generative word. The final product presents a digital illustrated book, containing the life stories collected in the interviews and a suggestion of a didactic sequence to be used in the classroom, in order to motivate other students who, like the research partners, challenge themselves to every day for the purpose of becoming literate.

Keywords: life stories; literacy; youth and adult education

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Fotografia de Ana Lúcia Batista **52**
FIGURA 2: Fotografia de Edna de Jesus Cardoso **54**
FIGURA 3: Fotografia de Joel Ramos Silva Filho **56**
FIGURA 4: Fotografia de Lúcia Pereira da Silva **57**
FIGURA 5: Fotografia de Maria José de Souza Dórea **59**
FIGURA 6: Fotografia de Patrícia Caldas Silva Santos **60**
FIGURA 7: Nuvem de Palavras **69**

LISTA DE TABELAS

TABELA1: Escolas Urbanas de Santa Cruz Cabrália **32**
TABELA 2: Escolas Indígenas de Santa Cruz Cabrália **33**
TABELA 3: Escolas localizadas na zona rural de Santa Cruz Cabrália **33**
TABELA4: Total de servidores da educação **34**
TABELA5: Evasão escolar na EJA **36**
TABELA6: Diferença de Matrículas Escola Indígena **37**
TABELA7: Diferença de Matrícula Escola Frei Henrique **38**
TABELA8: Diferença de Matrícula Escola Maria Figueiredo Marinho **39**
TABELA9: Diferença de Matrícula Escola Aracy Alves **40**
TABELA10: Diferença de Matrícula Colégio Nair Sambrano Bezerra **40**

LISTA DE QUADROS

QUADRO1:caracterização do sujeito **50**

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAEJA	Círculos de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos
Cuni	Colégio Universitário
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MST	Movimento Sem Terra
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SGE	Sistema de Gestão Escolar
Topa	Todos pela Alfabetização
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA 20
1.1 Panorama da História da Educação no Brasil 20
1.2 Educação de Jovens e Adultos no Brasil 23
1.3 A EJA para Paulo Freire 25
1.4 A Palavra Geradora 29
1.5 Panorama Geral do Sistema de Ensino no Município de Santa Cruz Cabrália e a EJA 32
1.6 Escolas que atendem a EJA no Município 37
1.6.1 Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha 37
1.6.2 Escola Frei Henrique de Coimbra 38
1.6.3 Escola Maria Figueiredo Marinho 38
1.6.4 Escola Aracy Alves Pinto 39
1.6.5 Colégio Municipal Prof.ª Nair Sambrano Bezerra: Breve Mapeamento da Trajetória Histórica 40
2 AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES DA EJA 43
2.1 O Método 43
2.2 Os Caminhos 46
2.3 Contando sua História: as Entrevistas 49
2.3.1 Ana Lúcia Batista 52
2.3.2 Edna de Jesus Cardoso 54
2.3.3 Joel Ramos Silva Filho 56
2.3.4 Lúcia Pereira da Silva 57
2.3.5 Maria José de Souza Dória 59
2.3.6 Patrícia Caldas Silva Santos 60
3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO FINAL 63
3.1 Categoria Social 64
3.2 Categoria de Gênero 67
3.3 O Significado da Alfabetização para os Alunos da EJA – Nuvem de Palavras 69
3.4 O Produto Final 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS **72**
REFERÊNCIAS **74**
APÊNDICES **78**
APÊNDICE A: capa do Livro “Nossas Histórias: trajetórias de vida na EJA”. 78
APÊNDICE B: Sequência didática EJA – com histórias de vida dos alunos e a palavra geradora. 79
ANEXOS **86**
ANEXO A: EJA Matriz Curricular 2019. 86
ANEXO B: termos de autorização de uso de imagem e som de voz. 87

INTRODUÇÃO

Trajetória de uma pesquisadora

> Meu sonho é aprender a ler para cantar os louvores e ler a bíblia na igreja, pois aumentará minha fé. Acho bonito quando as pessoas vão à frente da igreja para fazer a oração lendo a bíblia. Mas também quero aprender a ler para ficar melhor e resolver minhas coisas de banco e do mercado sozinha.
>
> (Ana Lúcia, 2020)[1].

Começo este trabalho fazendo uma breve reflexão,a partir de um fragmento extraído do relato de uma das parceiras desta pesquisa, a qual, quando questionada por mim, em uma aula, sobrea razão de estarna escola,respondeu que seu sonho era "ler a Bíblia para entender e aumentar a sua fé", e por isso resolveu estudar, sendo que é a primeira vez que ela frequenta a escola. Nesse sentido,me pergunto: qual o papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para essas pessoas?Sei que não conseguirei responder a esse questionamento, mas tenho consciência da importância de meu papel como educadora, pois quando um aluno jovem ou adultoprocura a escola, busca muito mais do que aprender a ler e escrever. É isso que me encanta na EJA, pois vejo essa modalidade de ensino como instigante e merecedora de mais atenção dos governos.

Minha inserção na escola como professora de EJA se deu há mais ou menos 20 anos atrás, quando iniciava minha graduação de Pedagogia. Já na faculdade, a disciplina que mais me chamava atenção era a de "Educação de Jovens e Adultos (EJA)." A inquietação por compreender como o aluno da EJA poderia aprender com todo o conhecimento de vida que me trazia fez procurar uma forma de atuar na área. Foi quando conheci o programa Alfabetização Solidária.

E não parei por aí. Procurei me aperfeiçoar mais e participei do programaTodos pela Alfabetização[2] (Topa), coordenando turmas e alfabetizadores de jovens e adultos espalhados pelo município de Santa Cruz Cabrália, na Bahia. Atuei por dois anos nesse programa e fui ganhadora do prêmio Cosme de Farias, em 2010, apresentando um relato da minha experiência e atuação como coordenadora local[3].

---

[1] Ana Lúcia foi aluna da primeira etapa (1ª e 2ª série) da EJA em 2020, quando começou a estudar pela primeira vez em sua vida.

[2]Desde 2007, este Programa é oferecido pelo governo do Estado da Bahia.

[3]O Prêmio faz uma homenagem a um nome reconhecido por lutar em causas populares, sobretudo no combate ao analfabetismo. Entre os trabalhos desenvolvidos por Cosme de Farias, está a criação, em 1892, da Campanha do

A EJA sempre foi muito importante em minha trajetória de educadora. Proporcionou-me muita experiência e cursos de formação, mas hoje vejo que falta algo mais significativo em minhas aulas. Percebo minha fragilidade e de meus colegas professores quando os alunos trazem temas de suas vivências que não estão nos livros, pois o currículo quase não traz temas voltados para essa realidade e nós, professores, por diversos motivos, também não buscamos atividades diferenciadas.

Entre 2010 e 2016 trabalhei na EJA como coordenadora na Escola Municipal do Cambolo, em Porto Seguro, com carga horária de 20 horas semanais. Foi uma experiência muito valiosa e diferente, pois fugia de tudo que estava acostumada na EJA, visto que a maioria dos alunos eram adolescentes e alguns cumpriam medidas socioeducativas por serem menores infratores. Em 2017, tive que mudar para Santa Cruz Cabrália e fui trabalhar na escola Nair Sambrano com a EJA.Como o município já tinha coordenadora para essa modalidade, aceitei ser professora da turma de alfabetização, e foi muito bom, porque apesar de já estar acostumada com a coordenação e com os adolescentes, voltar para turma de alfabetização da EJA foi muito importante para mim, pois era onde eu sempre pretendiaestar.

Foi por acreditar na educação e no seu poder de transformação na vida das pessoas que resolvi pesquisar a história de vida dos meus alunos da EJA,tendo em mente que nos momentos de aula as histórias de vida dos alunos não são contadas ou, às vezes, não são ouvidas pelo professor, pois ele precisa cumprir o currículo. Para tanto,a ideia era aproveitar as disciplinas de História, Geografia e Ciências, atuando para lançar temas e discussões, criando um espaço de escuta da vida de cada um e tentando entender o porquê eles não estudaram quando criança, mas, infelizmente, com a pandemia da Covid-19(acrônimo do inglês *CoronavirusDisease - 2019*), isso não aconteceu, e o contato com os alunos passou a serpor meiodas redes sociais.

Não é fácil ouvir seus relatos, mesmo porque muitos me levam às lágrimas.Por isso, procurei ler e me inteirar de possibilidades para me aperfeiçoar no tema e, de certa forma, agregar consistência àminha prática como professora e pesquisadora. De acordo com Paulo Freire (1996), o educador deve respeitar os processos históricos sociais dos educandos, preocupando-se em trabalhar com os conteúdos em sala, de forma que tenham um significado para o educando:“saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 9).

ABC, distribuindo milhares de cartilhas no País, quando ainda tinha 14 anos. Já em 1915, criou a Liga contra o Analfabetismo; criou e manteve, durante mais de 60 anos, quase 200 escolas para alfabetização de jovens e adultos na Bahia.

Hoje percebo que lecionar para uma turma de EJA é um desafio, pois mesmo não conseguindo compreender totalmente o mundo letrado, os jovens e adultos já trazem consigo toda uma bagagem de vida. SegundoFreire (1996), o professor deve instigar a inquietude e o debate entre educadores/educadoras e seus educandos/educandas, além de problematizar e desmistificar o olhar social dos educandos:

> É a convivência com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio históricos culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (FREIRE, 1996, p.10).

Quando iniciei as leituras para o mestrado, descobri uma série de construções e desconstruções que deveria refletiracerca da EJA. Primeiramente, percebi que precisaria me livrar de certas ideiasdo "senso comum", e, assim,comecei a analisar e questionar minha prática como professora dessa modalidade educativa. Questionava-me quanto ao discurso que alguns colegas professores reproduziam sobre os sujeitos que frequenta a EJA ser desfavorecido e ter sua capacidade cognitiva posta em dúvida, também quanto à facilidade da aprovação e a passividade social dos alunos, entre outras inquietações.

Refletir sobre questões trazidas nos relatos dos alunos importa a necessidade de um novo prisma para mim, comoalfabetizadora da EJA. Neste caso, é relevante pensar numa prática pautada numa consciência crítica e emancipatória, a fim de se pensar sobre a problemática dessa modalidade no contexto atual, dando prioridade às transformações sociais dos sujeitos.Nesse sentido, a questão central dessa pesquisaé: qual o sentido da alfabetização de jovens e adultos para os sujeitos que retornaram à escola e quais as correlações existentes entre a alfabetização e o exercício da cidadania para essas pessoas?

O conceito de cidadania aqui proposto remete ao pensamento freireano, ao estabelecer as relações entre educação e processos de alfabetização, que possam levar os estudantes a uma compreensão crítica da realidade. Neste sentido, Freire nos ensina que o processo de apropriação da leitura e da escrita faz parte da democratização política e cultural da sociedade.

Dessa forma, a problemática da pesquisa precisa ser discutida e compreendida, de modo a possibilitar um maior entendimento das narrativas dos alunos, de modo a ajudar a sanar algumas aflições que se apresentamem relação ao ensino na EJA, a exemplo das dificuldades enfrentadas pelos alunos jovens, adultosou idososao retornar aos estudos quando a escola não proporciona um aprendizado significativo para eles.

Por vezes, falta sensibilidade do professor, quando esses sujeitos relatamsuas lutas, angústias da batalha parasuperar o cansaço de um dia de trabalho e ter que fazer atividades

descontextualizadas com suas realidades, entre outras. Uma vez analisada essa problemática, esta pesquisa apresenta uma proposta de intervenção fundada nas bases legais da EJA e histórias de vida dos alunos.

O universo desta pesquisa é formado por estudantes da primeira etapa (1ª e 2ª série) e segunda etapa (3ª e 4ª série),que estão em processo de alfabetizaçãono Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, em Santa Cruz Cabrália, na Bahia. Embasada em suasnarrativas, pretendo descobrir no que consiste o sentido da alfabetização paracada aluno entrevistado.

> Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2004, p.47).

Espero que por meio desta pesquisa essas pessoas "tenham voz", uma vez que devido sua condição social (analfabetos, pobres e negros), sempre ficaram à margem da sociedade.Nessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo geral compreender os sentidos da alfabetização e suas correlações com o exercício da cidadania para os estudantes da EJA que frequentam a turma de alfabetização. Para aprofundar a temática,foram estabelecidos alguns objetivos específicos, são eles: a) Revisitar a trajetória escolar ou não escolar do pesquisando e analisar a importância da alfabetização para sua vida;b) Descobrir os motivos pelos quais os alunos jovens e adultos não frequentaram as classes regulares do processo de escolarização de modo a relacioná-las com os significados que hoje atribuem à alfabetização em suas vidas; c)Relacionar a valorização das histórias de vida dos alunos às suas permanências na escola.

A construção desta dissertação foi desafiadora, haja vista as diversidades existentes no campo da EJA, somadasà necessidade de adequação da pesquisa por conta da pandemia. Em Santa Cruz Cabrália, por ser um município pequeno, com uma população estimada de 27.778 (IBGE, 2019), os números de infectados pelaCovid-19 também é alto, tendo até o momento de escrita deste texto 512 casos confirmados, sendo 488 casos curados e 7 óbitos. Considerando esse contexto, minha pesquisa de campo, ou melhor, as entrevistas com os 12 alunos que concordaram, no primeiro momento,emcontar suas histórias de vida não aconteceram mais na sala durante minhas aulas, como estava acordado com as turmas. Diante disso, o desafio foi realizara escuta na residência dos alunos.Contudo, as entrevistas aconteceram de forma tranquila e foram à grande inspiração para o desenvolvimentodestetrabalho.

Adissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, "Educação de

Jovens e Adultos no Brasil e no Município de Santa Cruz Cabrália", é apresentado um panorama sobre a alfabetização de jovens e adultos no Brasil, trazendo como referênciao teórico Paulo Freire e seu método da palavra geradora, além de demonstrar como a EJA está estruturada no município de Santa Cruz Cabrália.Osegundo capítulo, intitulado "As histórias de vida dos alunos daEJA", apresenta cada um dos parceiros que contribuíram com esta pesquisa. O terceiro capítulo, "Análise das entrevistas e apresentação do produto final", expõe a análise das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa e a descrição do produto final. Por fim,as considerações finais trazem os resultados e conclusões.

1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA

1.1 Panorama da História da Educação no Brasil

Segundo Aranha (2016), o Brasil, historicamente, está vinculado aos acontecimentos da Europa.Em 1530, iniciou a sua colonização, a partir do sistema de capitanias hereditárias e a cultura de cana-de-açúcar, centrada no poder do senhor do engenho. Essa época é caracterizada também pelo latifúndio e pela escravatura. No Brasil Colônia, com seus lucros controlados pelos comerciantes na metrópole, a educação, portanto, não tinha prioridade, apenas assumia o papel de agente colonizador. Aranha (2016) afirma:

> (...) desde o início da civilização o índio se encontra à mercê de três interesses, que ora se complementam e ora se chocam: a metrópole deseja integrá-lo ao processo colonizador, o jesuíta quer convertê-lo ao cristianismo e aos valores europeus, e o colono quer usá-lo como escravo para o trabalho (ARANHA, 2016, p. 101).

Desembarcando junto com o primeiro governador geral Tomé de Sousa em 1549, os jesuítas vieram com uma tarefa oficialmente definida nos regimentos portugueses para a Colônia: catequizar e instruir os nativos. Os jesuítas deveriam cuidar da reprodução interna contingente de sacerdotes, necessário para a garantia da continuidade da obra,dedicando-se a duas principais tarefas: a pregação da fé católica por meiodo trabalho missionário de catequizar os índios, procurando "salvar"suas almas, afastá-los de sua cultura e convertê-los ao trabalho educativo; ao mesmo tempo em que ensinavam as primeiras letras, a gramática latina, a calcular e os costumes europeus.

As missões vieram para desintegrar a cultura indígena, impor outra sociedade, além de impor outra língua, Deus, moral e até estética. Além dos jesuítas, que atuavamno trabalho

missionário, ou seja, converter o “gentio” e impedir que os colonos se desviem da fé católica, os franciscanos, dominicanos, carmelitas e beneditinos também se empenhavam nesse trabalho.Para os jesuítas, erao professor quem detinha o conhecimento e os educandos seriamapenas tabulas rasas, como se não existissem como sujeito. Nasceu, então, o método tradicional de ensino, sendocriadas as cartilhas, cujo conhecimento era tido como unívoco, podendo ser adquirido de uma única maneira. Nas primeiras escolas que foram surgindo, reuniram filhos dos indígenas e dos colonos, mas logo a tendência jesuítica os separou, catequizando e instruindo-os.

Além das aulas fundamentais, os jesuítas ofereciam em seus colégios três cursos de nível superior, *RatioStudiorum*, Letras, Filosofia e Teologia e Ciências Sagradas,mas em 28 de junho de 1759, o Primeiro-Ministro de Portugal Sebastião José de Carvalho e Melo o Marquês de Pombal, eliminou o sistema de ensino jesuítico, substituindo-o por instituições sem nenhuma ordenação entre elas, e até o início do século XIX nenhuma outra parecida ocupou o seu lugar.Aranha (2016) esclarece que esse longo período do Brasil Colônia aumenta o fosso entre os letrados e a maioria da população analfabeta.

Em 1808, com a vinda da Família Real ao Brasil, novos estabelecimentos no país foram criados, a exemplo da Imprensa Régia, a Biblioteca Nacional e o Banco do Brasil. Trouxe, também, um novo pensar na educação, porém pouco foi feito. Aranha (2016, p. 148) concorda que “no século XIX ainda não havia uma política de educação sistemática e planejada. As mudanças tendem a resolver problemas imediatos sem encará-los como um todo”.Nesse período, a monarquia privilegiou o ensino aos ditos superiores, mantendo a separação das classes. Até o final do Império, a situação da educação no país continuou caótica e separatista. A República trouxe uma grande modificação na educação, posto que as elites começarama se preocupar com o analfabetismo (85% da população da época), pois tinham o interesse de formareleitores para angariar votos e fortalecer o capitalismo.

A questão educacional passou a ser problema no país nas décadas de 1920 e 1930.Com a decadência da exportação do café e com a industrialização emergente, a escola precisava formar mãodeobra qualificada para o trabalho. Na década de 1930, Francisco de Campos, o então Ministro da Educação, priorizou o Ensino Secundário, Comercial e Superior, revelando o seu desapreço pela educação elementar (GADOTTI; ROMÃO, 2016).Em 1942, a Reforma Capanema reafirmou a centralização da década anterior, desobrigando o Estado de manter o ensino público, e decretou reformas no Secundário, Industrial e Comercial, dificultando, para as camadas marginalizadas da sociedade, o acesso à educação.A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, instituiu a descentralização

do ensino, mas em 1964 o Golpe Militar provocou a centralização das políticas educacionais (FERNÁNDEZ, 2016).

No início da década de 1980, com a retomada da democracia, houve o reconhecimento, por parte do Estado, da falência das políticas educacionais. Na década seguinte, para melhorar a situação da educação, o governo federal modernizou o ensino, enviou livros didáticos às escolas, criou um currículo nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que desconsiderou a universidade e o debate com a sociedade educacional e aumentou os recursos financeiros para o Ensino Fundamental com a criação do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE). Em 1996,foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394, priorizando a Educação Básica e instituindo a descentralização do ensino.De acordo com Haidt (2015), quando o ensino fundamental passou a ser obrigatório, todas as camadas da população passaram a ter acesso à educação,porém uma parcela grande continuou segregada e vulnerável: a dos jovens e adultos que não tiveram como frequentar a escola na idade formalmente estabelecida pelos instrumentos oficiais.

Aeducação no Brasil, por muito tempo, esteve restrita a serviço de uma parcela privilegiada da sociedade, caracterizando o ensino comoalgo homogeneizado, de caráter elitista e conservador. Mesmo depois das reformas educacionais a favor da "democratização" do ensino, no acesso das camadas populares à educação, era forjadauma educação de péssima qualidade voltada, principalmente, ao trabalho, distanciando a possibilidade dessa classe social obter uma formação humanística, crítica, voltada para pensá-lo, uma vez que o Ensino Superior era destinado à elite. Portanto, segundo Aquino:

> O acesso das camadas populares à escola era obstruído pela própria estruturação escolar da época. O que os dias atuais atestam, no entanto, é que as estratégias de exclusão, além de continuarem existindo, sofisticaram-se. Se antes a dificuldade residia no acesso propriamente, hoje o fracasso continua encarrega-se de expurgar aqueles que se aventuram neste trajeto, de certa forma ainda elitizado e militarizado. (AQUINO, 2014, p. 123).

Ou seja, apesar de "democrática", a escola ainda não se dispõe a favor de todos, uma vez que as melhores universidades estão destinadas àqueles que têm posse e poder. A educação brasileira, como citado anteriormente, sempre foi monopólio da elite, e "por debaixo" de um discurso de educação igualitária, universal e unificada, desenvolvia-se junto à estruturação e formação da escola, uma ideologia voltada a uma universalização do sujeito, ou seja, como ele é pensado, sempre como se todos fossem iguais em essência e em possibilidades.

De acordo com Aquino (2014), a escola, diante de todo processo histórico educacional, foi idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito, porém, ao ser ocupado por outro, choca-se, gerando um clima de instabilidade ao confrontar esse novoalunado às velhas formas institucionais arcaicas e cristalizadas.É preciso, portanto, nos conscientizar das necessidades de cada discente, levando em consideração seu histórico de vida, suas dificuldades, seus conhecimentos prévios, valorizando-o como indivíduo e respeitando principalmente suas diferenças.

1.2 Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Como citado anteriormente, a primeira forma de ensino para jovens e adultos no Brasil ocorreu em 1549, com a chegada de seis padres da Companhia de Jesus,comandados pelo padre Manoel de Nóbrega.Esses padres tinham como missão catequizar os índios, ou seja, ensinar os princípios da religião cristã. A educação popular era desprezada pelos jesuítas, mas como eram obrigados a catequizar a população indígena faziam de forma negligenciada (GADOTTI; ROMÃO, 2016).Com a Constituição Federal de 1824,houvea proposta de um plano para educação, fazendo menção à instrução primária gratuita para todos os cidadãos, mas esta proposta só ficou no papel.

Em 1882,Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denuncioua vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentoupropostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de ensino. Em 1925, a Reforma João Alves estabeleceu o ensino noturno para jovens e adultos, visando “erradicar” oanalfabetismo no Brasil. O analfabetismo, naquela época, passou a ser considerado pela sociedade como uma “doença nacional” e o analfabeto como “inculto e incapaz”.

O domínio da leitura e da escrita, naquele momento, se tornava imprescindível para a execução das emergentes técnicas de produção industrial e a crescente urbanização do país. Mesmo com os avanços, o analfabetismo e o semianalfabetismo continuaram crescendo nopaís devido à falta de escolas e à qualidade do ensino elementar.A Constituição de 1937 fez o Estado renunciar à responsabilidade para com a educação pública, uma vez compreendiao Estado do ponto de vista subsidiário, e não central, em relação ao ensino. Apenas em 1940 a questão passou a ser vista como um problema nacional. Nesse período, o governo realizava

campanhas nacionais de alfabetização em massa que visavam atender, principalmente, a população rural.

Foiainda na década de1940 que se passou a entender que a ação educativa não deveria se restringir à alfabetização. Gerou-se, então, a ideia da ação supletiva do Estado para atender aos não escolarizados e promover sua inserção na vida produtiva industrial e na vida cívica urbana. No final da década de 1950, emerge uma nova perspectiva educacional fundamentada nas ideias de Paulo Freire, que idealizou uma pedagogia voltada para as necessidades das camadas populares e realizada com sua efetiva participação, partindo de sua história e realidade. Essa perspectiva fundamenta a EJA a partir de princípios de educação popular.

Em 1958, um evento veio a se constituir num marco histórico para a EJA, o II Congresso Nacional de Educação de Adultos. No referido Congresso, Freire, liderando um grupo de professores pernambucanos, apresentou e defendeu um relatóriodenominado "A Educação de Adultos e as Populações Marginais". Defendia uma educação de adultos que estimulasse a cooperação, decisão, participação e responsabilidade sociale política, além do respeito ao conhecimento popular dos alunos. Contudo essas ideias foram derrubadas pelo golpe militar em 1964 e esse modelo de educação foi rapidamente reprimido, pois ameaçava adita ordem do atual governo. Vale (2011) observa:

> Com o golpe militar de 1964, instala-se no país uma onda de terror. Educadores comprometidos com uma educação voltada para as camadas populares - uma educação conscientizadora - são fortemente perseguidos, cassados e exilados. As lideranças comunitárias são desarticuladas, as universidades sofrem intervenções militares, os estudantes são reprimidos [...]. (VALE, 2001, p. 32).

Nesse período, surgiu o primeiro programa de alfabetização de jovens e adultos, denominado Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), projeto do governo militar brasileiro, criado pela Lei n° 5.379, de 15 de dezembro de 1967 a 1985, que tinha como objetivo principal a alfabetização funcional de jovens e adultos que abandonaram a escola, visando conduzir a pessoa a adquirir a leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la à sua comunidade, permitindo melhores condições de vida na sociedade.

Segundo Aranha (1996), sobre os métodos utilizados no Mobral, pode-se afirmarque eram praticamente os mesmos adotados por Paulo Freire, porém de maneira deformada e com algumas particularidades, pois o governo oferecia o seu avesso; portanto, não muito completo, pois se utilizava do método das "fichas de leitura", mas não considerava o conhecimento prévio do aluno e tampouco existia o processo de conscientização, tão defendido pelo educador Paulo Freire.

Pensar a EJAé entender também a importância que tem os movimentos sociais e com--preender que estes são uma constante na história política educacional do país, que, entretanto, é cheia de avanços e retrocessos. O mais importante, porém, é destacar que suas ações impulsionam mudanças sociais diversas. Muitos desses movimentos têm atuações expressivas, como as lutas pelo acesso a terra e por sua posse, pela moradia, evidentes nas invasões e ocupações de fazendas e casas ou prédios abandonados. Também estão inseridos nessas lutasos movimentos LGBTQIA+e os movimentosindígenas e negros.

Os meios de educação para indivíduos adultos no Brasil por um bom tempo se desenvolveramem processos de alfabetização queofereciam além dos códigos linguísticos, valores de culturas, participação no meio social, construindo neles principalmente a leitura, a escrita e o cálculo matemático, e, diante disso, integrando os adultos letrados na sociedade.Segundo Arroyo (2014), esses sujeitos também trazem em seus corpos as marcas tão esquecidas na escola: de seu gênero, de sua raça e dos preconceitos sexistas e racistas que pesam sobre eles.

1.3A EJApara Paulo Freire

AEJA no Brasil veio, ao longo de décadas, ganhando destaque nas políticas educacionais. Houve uma diversidade de metodologias aplicadas a essa modalidade de educação, porém nenhuma delas foi tão significativa como a do teórico Paulo Freire. Este pensador vivenciou a EJA de forma especial, pois não foi somente professor dessa modalidade, mas,também, um dos alunos integrantes desse tipo de educação. Essas experiências permitiram a esse teórico analisar os tipos de métodos utilizados para públicos sujeitos jovens e adultos, fazendo, assim, com que Paulo Freire desenvolvesse o seu famoso método. Na visão de Freire, o educando tem que participar ativamente do seu processo de ensino-aprendizagem: o qual é “[...] um instrumento do educando, e não somente do educador, e que identificasse – como fazia notar acertadamente um sociólogo brasileiro – o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo de aprender” (FREIRE, 1980, p. 41).

O educador precisa estar consciente de que sua integração é de extrema importância para a descoberta de novos conhecimentos e conceitos. As metodologias utilizadas pelos docentes, por vezes, se caracterizam pela predominância de atividades transmissoras de conhecimentos, com pouco ou nenhum espaço para o diálogo e a análise crítica dos conteúdos aplicados. Nesse sentido, professores e professoraspreciSam procurar ampliar seus

conhecimentos concernentes àEJAbuscando uma metodologia que possa ser mais adequada aos sujeitos dessa modalidade, utilizando-se de instrumentos que viabilizem o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. A forma com que as aulas vêm sendo aplicadas nas salas de aula é questionável, principalmente para as turmas de alfabetização, devido à falta de preparo das aulas, com baixo valor significativo e forte pensamento eurocêntrico.

Paulo Freire construiu um método de educação pautado naideia de um diálogo constante entre educador e educando, em que há sempre partes de cada um no outro. Esse processo não poderia começar com o educador trazendo tudo pronto do seu mundo, do seu saber.Seu método precisa ser instrumento de mediação da educação, de forma mútua, sem um detentor do saber. Nesse sentido, a cultura da sociedade em que o educando está inserido é respeitada, como também os seus conhecimentos prévios.

O método de ensino proposto por Paulo Freire, no contexto da EJA,evidenciaa cultura dos alunos, das suas vivências e histórias de vida, fazendo com que a aprendizagem se dêconforme a realidade de cada aluno,pois não faria sentido para esses sujeitos dominar a leitura e a escrita se não puderem utilizá-la para construira leitura do seu mundo. Segundo Freire (1980):

> A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece [...] A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo (FREIRE, 1980, p. 26-27).

Nesse sentido, a influência de Paulo Freire na modalidade da EJA é extremamente importante e positiva, devido à metodologia criada por ele, a qual permite a ligação do educando com o mundo em que vive, sem causar no aluno a sensação de que se encontra excluído dele. O fato de o aluno passar a enxergar-se como modificador da sua própria realidade, bem como da sociedade na qual está inserido, permite com que venha a ter noção de que a educação o transforma eé transformada por ele. Assim, refaz a sua compreensão do mundo, a partir do momento em que deixa de enxergar a realidade como se fosse algo separado de si mesmo.

A valorização do desenvolvimento da oralidade do educando se faz importante para o seu processo de aprendizagem, pois, antecedendo o domínio da escrita, o educando deve repensar a sua condição sociocultural, utilizando, para isso, a expressão oral, expondo seus conhecimentos e possibilitando a absorção de novos conteúdos, de forma articulada. No caso

denossa pesquisa, esse repensar acontece no momento dos relatos das histórias de vida contadas pelos depoentes parceiros.

De acordo Freire (2002, p. 254), “o fundamental na alfabetização de adultos é que o alfabetizando descubra que o importante mesmo não é ler estórias alienadas e alienantes, mas fazer história e por ela ser feito”. Apesar da importância dada à leitura e à escrita, é necessário que os docentes trabalhem com a modalidade de jovens e adultos de forma diferenciada, preocupando-se com a necessidade desses sujeitos e como oensino será trabalhado.

Para, além disso, o que Freire está a nos dizer é que é possível mudar a História. Esta é feita pelas pessoas. Freire nos conta que o ensino pode privilegiar agências, ações, produções, ou seja, o sujeito não é um assujeitado pela história, mas seu agente possível. Logo, o aluno precisa ser autônomo no seu processo de aprendizagem, para que possa ressignificar seus conhecimentos e o seu mundo.

A alfabetização de jovens e adultos, na concepção de Freire, tem o propósito de mostrar a capacidade do educando de desenvolver a aprendizagem por meioda conscientização, baseado na sua história de vida, construindo palavras geradoras que são formadas no contexto da aula e facilitando seu aprendizado. É por esse motivo que Paulo Freire não é a favor das cartilhas, uma vez que fazem existir um distanciamento da realidade dos educandos no processo de alfabetização. O educador acredita que as palavras devem ser criadas e não “doadas”, fazendo com que o alfabetizando seja o sujeito e não objeto da alfabetização (Freire1979, p. 72).

Observamos que a alfabetização de jovens e adultos, hoje, no Brasil, se apresenta dentro de um contexto escolar desmotivante,no qual não existe a reflexão sobre os temas trabalhados pelo educador.Nesse sentido, Freire afirma que as metodologias e os materiais didáticos utilizados em sala de aula reforçam, ainda mais, a desmotivação dos alunos que, muitas vezes,acabam desistindo dos estudos. Assim, por perceber essa falta da motivação, Freire elaborou o seu método de alfabetização, deixando de lado as cartilhas que não apoiavam o processo de ensinar, pois trabalhavam arepetição de palavras soltas ou frases criadas de forma forçada, numa linguagem desconexa da realidade dos alfabetizandos.Nessa perspectiva, Freire (1989) relata:

> [...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse "enchendo" com suas palavras as cabeças supostamente "vazias" dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador,

> como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido(FREIRE, 1989, p. 13).

Isso nos mostra o quanto o educador precisa estar envolvido com a realidade do educando,saber ouvi-lo, entender sua experiência cotidiana, facilitando o planejamento da aula, na forma mais homogênea possível, apresentando materiais significativos para a vidados alfabetizados, proporcionando, assim, momentos de diálogos e reflexão que possibilite não só a leitura da palavra, mas, também, uma leitura de mundo, dando a liberdade do aprender na forma mais motivadorae política de alfabetizar, deixando de lado a tradicional educação bancaria.Segundo Freire:

> O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; oseducandos, meros objetos. (FREIRE, 1987, p. 34).

Essa “educação bancária”, que ainda é utilizada por alguns educadores, tinha os seus princípios de dominação através do professor, que se sentia o dono do saber, e o aluno um mero receptor, no qual o conhecimento transmitindo era imposto, alienando cada vez mais o aluno.Freire afirma:

> Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam Sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 33).

Essemodelo de educação, proposto por Freire, se distingue daeducação tradicional quevê o aluno como objeto aser modelado por um processo de transmissão do saber, de cima para baixo, ou seja, do professor para o aluno, pois renega, dentre outras coisas,a dependência opressora e dominadora dos sistemas de ensino.Numa visão libertadora, a alfabetização é vista como uma relação de troca horizontal entre educador e educando, exigindo-se, nesta troca, diálogo e atitude de transformação da realidade vivida pelo educando. Freire enfatiza

que a educação libertadora é, acima de tudo,conscientizadora, na medida em que, além de conhecer a realidade, o educando aprende a escrever sua vida como autor e como testemunha de sua própria história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historizar-se.Nesse propósito, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os alfabetizandos se sentirão desafiados a buscar significados; de igual modo, quanto mais estimulados, mais sãolevados a um despertar da consciência crítica, deixando de lado o que Freire chama de "consciência ingênua", uma vez que a consciência de mundo e a consciência de si crescem juntas, uma em razão da outra.

Entendemos, portanto, que nos estudosfreireanos a dialética é cada vez mais incorporada, na medida em que alfabetizandos e alfabetizadores se fazem sujeitos do processo de ensino. O educador propõe uma educação que seja instrumento de transformações sociais, levando o aluno à conscientização, considerando-o participante do meio e dos pressupostos que envolvem a educação, ou seja, que ele possaanalisar a problemática dos processos de ensino e aprendizagem, por meio dos interesses sociais, políticos, econômicos e culturais, em suma, através dos acontecimentos que suas histórias de vida trazem.

Infelizmente com o governo atual o nome de Paulo Freire vem sendo hostilizado pelo próprio presidente da república acusando o educadorinjustamente de deseducar e de ser esquerdista, o chamando até pejorativamente de "energúmeno"[4], ferindo assim a imagem de um teórico portador de uma personalidade cativante que por meio de seu método tão reconhecido e valorizado no mundo inteiro, exalava todo seu amor e preocupação a humanidade e aos oprimidos, além disso, Freire foi um revolucionário e lutava através da alfabetização contra as injustiças sociais do mundo capitalista.

1.4 A Palavra Geradora

Para construção do conhecimento na EJA,por meiodo método de Paulo Freire, é preciso, inicialmente, na alfabetização, fazer o levantamento do universo vocabular do estudante, a fim de identificar as palavras geradoras, de uso mais frequentes. O autor expõe o conceito de palavras geradoras:

> Essas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação deseus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou

[4]Disponível em: https://www.justificando.com/2020/01/21/paulo-freire-e-o-antipoda-de-jair-bolsonaro

> reconstituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou dentro delas, se configuram.(FREIRE, 1983, p.5).

Entendemos que os alunos jovens adultos e idosostrazem em suabagagemumconhe--cimento prévio fundamentadoem suas vivencias eexperiências culturais. As palavras geradoras são extraídas do seu universo vocabular e são temas de discussão nos momentos de aula. Por meiode conversas informais e até mesmo das narrativas, o alfabetizador analisa os vocábulos mais usados pelos alunos em suas rodas de conversasselecionando, assim, as palavras que servirão de base para as atividades. O objetivo então da alfabetização é promover a conscientização acerca dos problemas do dia-a-dia,por meiodos relatos dos jovens, adultos e idosos, além da compreensão do mundo e o pensamento crítico e reflexivo da realidade social a qual eles estão inseridos.

Conforme os pressupostos da teoria freireana sobre palavras geradoras, o emprego dessa prática envolve basicamente três etapas. Naprimeira etapa, investigar e conhecer o universo vocabular dos educandos, Freire (1987, p.6) observaque "essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo". Nesse contexto de muito diálogo surgirão alguns temas ou palavras geradoras, como por exemplo: algum problema que a comunidade esteja enfrentando, como chuvas fortes, falta de saneamento, desemprego, saúde, enfim, qualquer tema que mereça ser problematizado e que apareça nas discussões em sala de aula.

A segunda etapa é a de investigação, em que a busca deve ser conjunta entre professor e aluno dos temas mais significativos para a vida doeducando, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde vive.A terceira etapa, de tematização, é o momento da tomada de consciência do mundo, por meioda análise e reflexão dos significados sociais dos temas ou palavras.Essa também é a etapa da problematização, momento em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão ingênua e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada. Freirepontua:

> As palavras geradoras: palavras geradoras em seu contexto existencial ele as redescobre num mundo expressado em seu comportamento. Conscientiza a palavra como significação que se constitui em sua intenção significante, coincidente com intenções de outros que significam o mesmo mundo. Este – o mundo – é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais. (FREIRE, 1987, p. 6).

O trabalho com a palavra geradora deve seguir uma sequência. As sílabas trabalhadas em sala de aula precisam ser registradas em uma ficha ou no próprio caderno dos alfabetizandos para que depois eles construam novas palavras eas comparem, a fim deperceber semelhanças ou diferenças entre elas.Conforme Freire afirma:

> Assim é que, no processo de busca da temática significativa, já deve estar presente a preocupação pela problematização dos próprios temas, Por suas vinculações com outros por seu envolvimento histórico-cultural. Alfabetizar não é aprender a repetir palavras, mas dizer a sua palavra criadora de sua própria cultura. (FREIRE, 1987, p. 57).

A alfabetização, para Freire, não deve ser mecânica, nem somente decifração de códigos ou sinais gráficos, mas quando se desenvolve o processo de aquisição da leitura e da escrita, que é a aprendizagem de significados, dá-se a conscientização. O professor, nesse processo, vira um animador, um mediador, evitando toda forma de autoritarismo, promovendo a interlocução e o diálogo. O método de alfabetização de Paulo Freire propõe integrar a leitura da palavra à leitura do mundo, pois a última precede à primeira. Ao ler a palavra se aprende a escrevê-la como consequência de quem já tem uma experiência do mundo e de estar em contato para criar condições de mudá-lo.

Freire identifica o alfabetizando como sujeito da aprendizagem, que já traz consigo um conhecimento prévio, uma aprendizagem que ocorre a partir das experiências de vida, do diálogo, da leitura do mundo e da concepção de alfabetização como construção de significados.Conforme explica Freire (1987, p. 50): "[...] nos parece que a constatação do tema gerador, como uma concretização, é algo a que chamamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações entre homens-comuns e homens-homens".

O caminho usado por Freire foi à palavra geradora.Em seu livro,"Educação com Prática da Liberdade Freire",o educador propõe a aplicação de seu método em cinco fases:

> 1ª fase: Levantamento do universo vocabular do grupo. Nessa fase ocorrem as interações de aproximação e conhecimento mútuo, bem como a anotação das palavras da linguagem dos membros do grupo, respeitando seu linguajar típico. 2ª fase: Escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de riqueza fonética, dificuldades fonéticas - numa sequência gradativa das mais simples para as mais complexas, do comprometimento pragmático da palavra na realidade social, cultural, política do grupo e/ou sua comunidade. 3ª fase: Criação de situações existenciais características do grupo. Trata-se de situações inseridas na realidade local, que devem ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais. 4ª fase: Criação das fichas-roteiro que funcionam como roteiro para os debates, as quais deverão servir como subsídios, sem, no entanto, seguir uma prescrição rígida. 5ª fase: Criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras(FREIRE, 1979, p.111).

Mesmo mostrando sua eficácia o método Paulo Freire vem criando alguns impasses até os dias de hoje,desde a sua origem e aplicação iniciada na década de 1960,constituindo-se um tema polêmico, uma vez que, como todo método, deve ser estudado, analisado e recriado

devido às especificidades de cada educador e realidade da turma, para que se obtenha o máximo aproveitamento dos alunos.Compreende-se,então, que alfabetizando e alfabetizador devem se unir para promover uma aprendizagem significativa, pois, para Freire (1987, p. 39) "ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho", mas se aprende uns com os outros.

1.5 Panorama Geral do Sistema de Ensino no Município de Santa Cruz Cabrália e a EJA

A cidade de Santa Cruz Cabrália possui 30 escolas[5], sendo 28 atendidas pelo governo municipal, oferecendo as etapas da educação infantil, fundamental I, II e EJA, com aproximadamente 7.076 alunos matriculados e 2 escolas estaduais: Colégio Estadual Terezinha Scaramussa, com 728 alunos, e Colégio Estadual indígena[6], com 600 alunos, ambas oferecem o ensino médio.

Tabela 1:escolas urbanas de Santa Cruz Cabrália:

ESCOLAS DA ZONA URBANA							
INEP	ESCOLA	Educação Infantil (0 a 5 anos)	Ensino fundamental (anos inciais de 6 a 10)	Ensino fundamental (anos finais de 11 a 14 anos)	EJA (acima de 15 anos)	Multietapa	Total
29327296	COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA	0	0	459	226	0	685
29327520	ESCOLA MUNICIPAL NELSON ALMEIDA	0	288	0	0	0	288
29327636	ESCOLA MUNICIPAL TANIA GUERRIERI	0	126	155	0	0	281
29327660	ESCOLA MUNICIPAL ANTONIO SAMBRANO GUERRA	27	97	160	0	0	284
29327687	ESCOLA MUNICIPAL VICTURINO DA PURIFICACAO FIGUEIREDO	0	180	445	0	0	625
29407206	ESCOLA MUNICIPAL PROF JACIRA MONTEIRO BENFICA	59	249	0	0	0	308
29439701	ESCOLA MUNICIPAL NOSSO AMIGUINHO	107	211	0	0	0	318
29439736	ESCOLA MUNICIPAL MARCELINO JOSE SOARES	212	0	0	0	0	212
29444691	CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA SONHO INFANTIL	114	0	0	0	0	114
29479002	ESCOLA MUNICIPAL JOSE PEDRO CARDOZO	57	91	0	0	0	148
29479207	CENTRO DE EDUCACAO INFANTIL ARNALDO MOURA GUERRIERI	61	0	0	0	0	61
29479401	ESCOLA MUNICIPAL FREI HENRIQUE DE COIMBRA	124	302	0	49	0	475
29951720	CENTRO DE EDUCACAO INFANTIL V CENTENARIO	137	0	0	0	0	137
Total educação urbana							3936
Total Geral		471	1134	731	328		7076

Fonte: Tabela organizada pela autora com dados cedidos pelo CME, 2019.

Das 28 escolas municipais, há duas que são indígenas somando 1.205 alunos, maisexistem alunos indígenas também estudando em outras unidades.

[5] Os dados, tabelas e gráficos expostos foram coletados junto ao Conselho Municipal de Educação de Santa Cruz Cabrália.
[6] O colégio está localizado ao lado da Escola Municipal Indígena, construído no mesmo terreno.

Tabela 2:escolas indígenas de Santa Cruz Cabrália:

ESCOLAS INDIGENAS							
INEP	ESCOLA	Educação Infantil (0 a 5 anos)	Ensino fundamental (anos inciais de 6 a 10)	Ensino fundamental (anos finais de 11 a 14 anos)	EJA (acima de 15 anos)	Multietapa	Total
29327407	ESCOLA INDIGENA PATAXO MATA MEDONHA	15	0	0	39	71	125
29327440	ESCOLA INDIGENA PATAXO COROA VERMELHA	98	361	390	115	47	1011
Total educação indígena		113	361	390	154	118	1136

Fonte: tabela organizada pela autora com dados cedidos pelo CME, 2019.

Outra situação apresentada é que das 28 escolas, 13 são localizadas na zona rural, com 2004 alunos matriculados,sendo que existe uma escola situada em um assentamento[7] do Movimento Sem Terra (MST).

Tabela 3:escolas localizadas na zona rural de Santa Cruz Cabrália:

ESCOLAS DA ZONA RURAL							
INEP	ESCOLA	Educação Infantil (0 a 5 anos)	Ensino fundamental (anos inciais de 6 a 10)	Ensino fundamental (anos finais de 11 a 14 anos)	EJA (acima de 15 anos)	Multietapa	Total
29327318	ESCOLA MUNICIPAL CAMURUGI	0	0	0	0	32	32
29327431	ESCOLA MUNICIPAL FILOGONIO SANTOS ALCANTARA	30	96	13	0	25	164
29327466	ESCOLA DESEMBARGADOR HELIO VICENTE LANZA	47	118	72	0	0	237
29327512	ESCOLA MUNICIPAL LARANJEIRAS	13	8	0	0	103	124
29327563	ESCOLA MUNICIPAL SAO PEDRO	0	0	0	0	39	39
29327580	ESCOLA MUNICIPAL SERMAL	0	0	0	0	37	37
29327610	ESCOLA MUNICIPAL UNIAO DOS POSSEIROS	0	0	0	0	46	46
29327679	ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANDRE	20	50	0	0	0	70
29331447	ESCOLA MUNICIPAL MARIA FIGUEIREDO MARINHO	0	123	74	54	47	298
29373905	ESCOLA MUNICIPAL MUTARI	45	152	0	0	0	197
29444977	ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE	46	101	55	0	29	231
29479606	ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCACAO INFANTIL MARIA CARVALHO DO NA	80	0	0	0	0	80
29571618	ESCOLA MUNICIPAL ARACY ALVES PINTO	77	125	127	120	0	449
Total educação do campo		358	773	341	174	358	2004

Fonte: tabela organizada pela autora com dados cedidos pelo CME, 2019.

O município conta, também, com 4 escolas particulares, sendo 3 que atendem as modalidades infantil e fundamental I e umaque atende o fundamental II e 1º ano do ensino médio. Com relação ao ensino superior, o município foi agraciado com o Colégio Universitário (Cuni)[8] da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), que funciona noColégio Estadual Terezinha Scaramussa.

[7] A escola fica situada no Assentamento Agroecológico Gildásio Salles Ribeiro, ocupado por cerca de 100 famílias, no dia 04 de dezembro de 2008, em um território dominado pela monocultura de eucalipto, o que os levou a realização do projeto de Reforma Agrária Popular, visto que existia uma concentração grande de terra nas mãos do agronegócio. A escola tem desenvolvido um projeto denominado Agroecologia Escola Sustentável, que tem como missão trabalhar a agroecologia em sala como disciplina.

[8]Os Colégios Universitários estão implantados em municípios com mais de 20 mil habitantes, visando contribuir para ampliar a inclusão social por meio do ingresso na educação superior. Funcionam, geralmente, em turno

Emrelação ao número de funcionários efetivos, o município possui hoje um total de 244 professores, desses 22 são professores indígenas.Além de professores, a rede municipal possui outras funções como auxiliar de classe, agente administrativo escolar, psicólogo, coordenador pedagógico e professor bilíngue, totalizando 281 servidores do quadro efetivo do município.

Tabela4:total de servidores da educação

LEVANTAMENTO SERVIDORES PME – 2019	
Ag. Adm	17
Professor Indígena	22
Coordenador	15
Psicólogo	1
Aux. De Classe	3
Professor Bilíngue	1
Professor	222
Total de servidores efetivos	**281**

Fonte:elaborada pela autora (2021).

É visível que o total de professores efetivos não consegue atender a rede. Por isso, a prefeitura tem realizado desde 2017 um processo seletivo para contratação temporária de servidores, com validade contratual de dois anos podendo renovar por igual período.Sobre a inclusão, dentre os 7.076 alunos matriculados, 425 são considerados especiais, conforme laudo médico; 288 estão nos anos iniciais e 137 nos anos finais (IBGE,2010). Quanto aos índices de desempenho na aprendizagem, o município possui o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 4.0 (ensino fundamental I) e 3,2 (ensino fundamental II).

De acordo com o Censo2010, entre as pessoas de 10 anos de idade ou mais, de 20.852 pesquisados, 12.357 apresentam-se sem instrução e/ou nível fundamental incompleto. Em relação à frequência em creche ou escola, 3.828 nunca frequentaram, nos mostrando que ainda existe um número grande de pessoas que não estão na escola e um número significativo de analfabetos.

Em relação ao currículo, o município passou um bom tempo fazendo seus planejamentos de acordo com o livro didático adotado pelos professores, não havendo uma proposta curricular unificada. Esta só veio acontecer em 2014, e até o final da transição do governo não foi possível finalizar. No ano de 2017, com a mudança de gestão, uma nova equipe continuou a revisão da proposta e a encaminhou para o Conselho Municipal de

noturno, em instalações da rede estadual de ensino médio, por meio de um convênio assinado com o Governo do Estado da Bahia.

Educação, que não a aprovou devido à exigência do Governo Federal de implementar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No corrente ano, o novo secretário deeducação implantou o Sistema de GestãoEsco--lar (SGE)[9], programa já utilizado pela rede estadual. De acordo com o Secretário de Educação do Município em 2020:

> Com o novo sistema serão integradas as informações de todas as escolas da rede municipal de ensino, evitando distorções no planejamento da educação e permitindo a identificação da demanda real de vagas nas escolas, o controle do transporte escolar, a padronização dos documentos escolares emitidos pelas escolas e a eficiência na gestão de cada uma das escolas. (informação verbal).

Para implantação do sistema, o município capacitou, em janeiro do ano vigente, todos os secretários, coordenadores e diretores municipais, porém o sistema ainda está em processo de experimentação e apresenta algumas falhas.

No início da década de 1970, o governo Federal criou o Mobral[10] e em 10 de março de 1976 foi assinado o contrato entre coordenação Estadual deste programa e a prefeitura de Santa Cruz Cabrália. Pode-se afirmar, então, que a EJA teve seu início nesse período(CARVALHO NETO, 2004). Em entrevista realizada com a antiga coordenadora da EJA do município, a senhoraVerônica Rosa informou que a proposta curricular da EJA no município está defasada, mas está sendo revisada, e que a modalidade tem por dinâmica contemplar o aluno trabalhador, que no seu cotidiano busca seu próprio sustento, ao mesmo tempo em que necessita de um aprender organizado e significativo com sua realidade de vida. Salienta, ainda, que, para o aluno, os desafiosde conciliar a dupla jornada têm superadosua motivação na continuidade e conclusão dos estudos básicos.Para a coordenadora:

> A escola em sua organização vigente necessita de estratégias capazes de superar a visão pedagógica que torna o processo de aprendizagem do/a aluno/a exaustivo e desmotivador. Portanto com a revisão da proposta queremos organizar e sistematizar uma nova metodologia, processos e avanços da educação atual onde priorizamos a permanência do/a aluno/a trabalhador/a. (informação verbal).

[9]Este sistema constitui-se em uma ferramenta gerencial para a rede pública estadual de ensino da Bahia, criada em ambiente *web*, que facilita a administração escolar no que diz respeito à execução, acompanhamento e controle de suas atividades fins, permitindo, assim, a atualização em tempo real da base de dados gerenciais da Secretaria de Educação do estado.

[10]Programa criado em 1970 pelo governo federal, com objetivo de "erradicar" o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida"(site: EducaBrasil). O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

A EJA é uma modalidade que apresenta variações ao longo do tempo, demonstrando estar estritamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizam os diferentes momentos históricos do país e do mundo, considerando o processo de globalização.Em Cabrália não é diferente. Inicialmente, se pensava na alfabetização de adultos com objetivo de instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e escrever, sendo que hoje está muito além de apenas ensinar a ler a escrever.

Em 2019, existia um total de 5 escolas atendendo a EJA no turno noturno, funcionando cinco dias por semana com 4 aulas de 40 minutos por dia, conforme a matriz curricular. De acordo com a coordenadoracada escola tem particularidades específicas, mas mesmo com tantos desafios na efetivação da EJA, as aulas acontecem entre dilemas e dificuldades.Apesar disso, também envolve possibilidades, como os Círculos de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos(CAEJA)[11], que ainda são um diferencial para minimizar a desistência por parte dos educandos. Em relação à evasão escolar, os dados informados pelo conselho municipal de educação de Santa Cruz Cabrália, organizados na tabela (Tabela 2), a seguir, nos mostram que o índice é muito alto. Entender a razão que leva a um número tão grandede abandono não é difícil; a maioria dos casos está relacionadoà falta de emprego que leva o aluno adultoa busca por uma vida melhor em outras cidades.Existem, ainda, outras situações que podem causar a evasão, como a falta de conexão com os conteúdos ensinados em sala de aula, a falta de políticas públicas municipais de permanência do aluno na escola e a falta de uma estrutura adequada dos prédios escolares.

Tabela 5:evasão escolar na EJA

ÍNDICE DE EVASÃO ESCOLAR NA EJA				
ESCOLA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**	**DIFERENÇA**	**EVASÃO (%)**
Indígena Pataxó de Coroa Vermelha	131	83	48	36,6
Frei Henrique de Coimbra	57	32	25	44
Nair Sambrano	236	141	95	40
Maria Figueiredo	71	58	13	18
Aracy Alves Pinto	149	113	26	24
TOTAL	**644**	**427**	**217**	**33,6**

Fonte:elaborada pela autora (2021).

[11] Programa implantado em 2016 pela coordenação da EJA do município, oferecendo aos alunos aulas diferenciadas como dança, artes, música, teatro, com o objetivo de diminuir a evasão. O mesmo acontecia uma vez na semana e agora, em algumas escolas, se tornou uma disciplina.

1.6 Escolas que atendem aEJA no Município

Apresentamos nesse ponto as especificidades de cada escola que atende a EJA, fazendo um breve mapeamento do quantitativo de alunos matriculados e os possíveis problemas que afetam a permanência dos alunos da EJA na escola, e que pode estar relacionado a esse número alto de evasão exposto na tabela anterior.

1.6.1 Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha

A EJA, no âmbito da educação escolar indígena, tem um grande desafio: o de promover uma educação que atrele a educação formal e a cultura indígena, somando valores, princípios norteadores e propiciando atividades que valorizem a especificidade do povo Pataxó, ao mesmo tempo em quese reconheça que cada atividade demanda um olhar acerca dos estudantes, cujo tempo está ligado à demanda de trabalho em que muitos estão inseridos.

O trabalho é focado ematividades e projetos culturais nos períodos em que os alunos estudam, para que haja a participação efetiva desses alunos, num trabalho que não deve ser apenas dos professores dessas turmas, mas com toda a comunidade escolar.Os projetos do Caeja fortalecerama permanência dos alunos na escola; uma metodologia diferenciada que trabalha de forma interdisciplinar. Embora seja uma comunidade indígena, onde todos partilham das ideias e são bastante unidos, também enfrentam alguns desafios na EJA.Com relação à evasão escolar, os professores sempre fazem a busca ativa dos alunos posterior ao recesso.

A seguir,a Tabela 3 mostra a diferença entre o número de matrículas iniciais e finais para a EJA nessa escola, a partir de dados informados pelo Conselho Municipal de Educação(2019).

Tabela 6:diferença de matrículas escola indígena

DIFERENÇA DE MATRÍCULAS		
ETAPA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**
1ª a 4ª A	30	11
1ª a 4ª B	37	28
5ª/6ª A	23	20
5ª/6ª B	27	15

7ª/8ª	37	29
TOTAL	**131**	**83**
DÉFICIT	**48**	**37%**

Fonte:elaborada pela autora (2021)

1.6.2 Escola Frei Henrique de Coimbra[12]

As turmas da EJA foram implementadas em 2019 com muita dificuldade, principalmente pela rotatividade de professores e falta de materiais didáticos e pedagógicos. A escola está localizada em uma área de risco, sem iluminação e apresentando altos índices de assalto, o que dificultou bastante o trabalho da matrícula itinerante para captação de mais alunos.

A expectativa era que para 2020 existisse uma procura pela matrícula, uma vez que na comunidade de Coroa Vermelha, além desta, somente na escola indígena há a oferta de turmas da EJA.Algo que dificultou a procura por matrículas foi à mudança na gestão escolar que não deu continuidade ao trabalho de oferta. A seguir,a Tabela 4 mostra a diferença entre o número de matrículas iniciais e finais para a EJA nesta escola (2019).

Tabela 7:diferença de matrículas escola Frei Henrique:

DIFERENÇA DE MATRÍCULAS		
ETAPA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**
1ª a 4ª	13	05
5ª/8ª	44	27
TOTAL	**57**	**83**
DÉFICIT	**25**	**44%**

Fonte:elaborada pela autora (2021).

1.6.3 Escola Maria Figueiredo Marinho

A EJA na Escola Maria Figueiredo não tem um acompanhamento preciso, por falta de transporte para a coordenação fazer visitas na escola, mas, mesmo assim, o trabalho foi e é acompanhado junto à direção da escola, que se faz presente a todo o momento.A seguir,a

[12]Em 2020, a Escola Municipal Frei Henrique de Coimbra deixou de oferecer a EJA. Segundo a coordenadora, o motivo foi à falta de infra-estrutura.

tabela mostra a diferença entre o número de matrículas iniciais e finais para a EJA nesta escola (2019).

Tabela 8:diferença de matrículas escola Maria Figueiredo Marinho:

DIFERENÇA DE MATRÍCULAS		
ETAPA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**
1ª a 4ª	24	20
5ª/6ª	19	11
7ª/8ª	28	27
TOTAL	**71**	**58**
DÉFICIT	**13**	**18%**

Fonte:elaborada pela autora (2021)

1.6.4 Escola Aracy Alves Pinto

A unidade de ensino Aracy Alves Pinto, situada no povoado de Santo Antônio, atende três povoados localizados depois da balsa de Cabrália, a saber: Santo André, Santo Antônio e Guaiú. Trata-se de uma escola do campo, na qual o transporte escolar é um instrumento fundamental para o acesso dos estudantes, sobretudo pelos alunos que residem em Santo André e Guaiú.

Junto a EJA funciona uma extensão do Colégio Estadual Professora Terezinha Scaramussa, com turmas de ensino médio, uma de cada etapa. Há uma parceria entre o município e o estado a fim de que as duas unidades de ensino coexistam e funcionem bem. No Guaiú funciona a extensão da Escola Aracy.De acordo com a coordenadora da EJA, há alguns desafios, dentre os quais são considerados oportunos indicar:1) Inconstância no oferecimento da merenda escolar e do abastecimento hídrico; 2) Número reduzido de professores; 3) Falta de coordenação específica para a EJA; 4) Inconstância do transporte escolar; 5) Acessibilidade na escola: ausência total de iluminação no entorno da escola; 6) Segurança pública insuficiente nos povoados atendidos pela unidade escolar, gerando assaltos, abordagens constrangedoras, insegurança no trajeto escola-casa/casa-escola; comportamentos e atitudes hostis na escola (por parte de alguns alunos); 7) Pouco relacionamento comunidade escola, sobretudo quanto à segurança pública.

A seguir,a Tabela 6 mostra a diferença entre o número de matrículas iniciais e finais para a EJA nesta escola (2019).

Tabela 9:diferença de matrículas Escola Aracy Alves:

DIFERENÇA DE MATRÍCULAS		
ETAPA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**
1ª a 4ª	22	16
5ª/6ª	22	15
7ª/8ª	35	30
1ª a 4ª Guaiú	26	21
5ª/8ª Guaiú	44	31
TOTAL	**149**	**113**
DÉFICIT	**36**	**24%**

Fonte:elaborada pela autora (2021)

1.6.5 Colégio Municipal Prof.ª Nair Sambrano Bezerra: Breve Mapeamento da Trajetória Histórica

A EJA no colégio Municipal Prof.ª Nair Sambrano Bezerra passa por vários desafios. Embora seja a única escola do município que tem uma coordenação específica para a EJA e a única que tem uma sala de acolhimento para os filhos menores dos estudantes, temos um índice considerável de evasão escolar.

A seguir,a Tabela 7nos mostra a diferença entre o número de matrículas iniciais e finais para a EJA nesta escola (2019).

Tabela 10: diferença de matrículas Colégio Nair Sambrano Bezerra:

DIFERENÇA DE MATRÍCULAS		
ETAPA	**MATRÍCULA INICIAL**	**MATRÍCULA FINAL**
1ª /2ª	41	15
3ª/4ª	21	12
5ª/6ª	74	35
7ª /8ª A	49	25
7ª/8ª B	51	27
TOTAL	**236**	**141**

DÉFICIT	**95**	**40,25%**

Fonte:elaborada pela autora (2021).

No ano de 2019, houve rotatividade de professores, o queimpactou ainda mais no desenvolvimento das atividades propostas e no resultado dos dados exibidos anteriormente. A matriz curricular da EJA (Anexo A) também está sendo estudada pelo conselho municipal, pois a ideia é acrescentar o Caeja como disciplina. Analisando a EJA no município, percebemos o quanto é necessário um olhar sensível por parte da gestão municipal no item estrutura, pois existem demandas físicas que afugentam o aluno, uma vez que a falta de um ambiente propício é o que mais desmotiva os estudantes, e o maior desafio dessa modalidade no município é conter a evasão.

Acreditamos, também, que uma reformulação no processo cultural de ensino e de aprendizagem seja pertinente, de forma que venha proporcionar resultados práticos. Para isso, é necessário um atento diálogo entre professores e alunos da EJA, procurando haver uma melhor interação entres esses dois componentes no ambiente escolar, pois a educação é desenvolvida numa construção coletiva e não fruto de um produto isolado, no qualcada umbusca seus próprios interesses.Não existem muitos escritos nos arquivos da Secretária Municipal de Educação de Cabrália de como o Colégio Municipal Nair Sambrano Bezerra foi criado, por isso fizemos usode entrevista com um professor antigo da cidade para rememorar esse fato.

Até 1983, Santa Cruz Cabrália tinha apenas uma escola que assistia do 1º ao 4º ano primário, para atender pouco mais de cinco mil moradores,população composta por funcionários públicos, fazendeiros e, em sua maioria, indígenas, pescadores e meeiros que trabalhavam nas poucas fazendas produtoras de piaçava. Segundo José[13], professor da época, a escola era privilégio dos filhos de famílias mais abastadas da cidade, que quando atingiam o ensino médio, iam estudar em Belmonte, cidade mais próxima, ou em Salvador, na Bahia. Os filhos dos indígenas, pescadores, posseiros e dos trabalhadores rurais não tinham acesso a esse benefício.

A ampliação da educação escolar aconteceu na década de 1980, após um movimento da associação de moradores do município, que reivindicou junto ao então prefeito, Arnaldo Moura Guerrieri, a instalação do ginásio na cidade.Em 22 de fevereiro de 1983, por meiodo Decreto nº 22/83, na sede do município de Santa Cruz Cabrália, foi criada a primeira escola de ensino fundamental II, que contava, a princípio, apenas com duas turmas da 5ª série (atual

[13] Nome fictício dado ao professor entrevistado. Esse foi também prefeito na cidade.

6º ano), e anualmente foi ampliando até o ensino médio. Por falta de prédio a escola foi abrigada na Escola Estadual Frei Henrique de Coimbra, única existente, atendendo somente da 1ª a 4ª série. No prédio, eram assistidos os alunos do ensino fundamental.Durante os turnosdiurnose no período noturno, se habilitaram as salas para servir ao "ginásio" até a construção da sua própria sede.

A construção do prédio próprio do Colégio Prof.ª Nair Sambrano Bezerra ocorreu alguns meses após a criação da escola. Como a matrícula de novos alunos era crescente, foi necessário alugar salas próximas ao prédio da escola estadual onde funcionavam as primeiras turmas. Em 1985, o novo prédio foi habilitado para funcionar, desocupando-se, assim, tanto as salas emprestadas pela escola estadual como as salas locadas na vizinhança para funcionarem as 7ª e 8ª séries.

A passagem para o 1º ano do 2º grau foi completada com o aditamento e construção da quadra de esportes. No final de 1987, formou-se a primeira turma de 8ª série. Em 1983, colaram grau os alunos da primeira turma do científico, abrindo-se, além do científico, as matrículas para habilitação do ensino do normal (magistério) e os cursos técnicos de contabilidade e turismo.

Apesar de ser de responsabilidade do governo do Estado, o 2º grau foi assumido pela prefeitura, dando continuidade aos estudos dos que tinham concluído a 8ª série. Durante esse período até o ano de 2001, formaram-se em oito anos sucessivos as turmas dos cursos técnicos que o MEC suspendeu ao configurar osnovos planos de cursos de 2º Grau (Ensino Médio).A escola, então, ficou situada na Rua Frei Henrique de Coimbra, s/n, no Centro. O prédio contava com 9 salas e atendeu, no período de 2004 a 2011, o ensino fundamental II. O prédio, no entanto, estava muito desgastado, sem possibilidades de reforma, tendo em vista a tamanha degradação da estrutura.Além disso, em função do aumento populacional, o número de alunos para atendimento nessas séries aumentava a cada ano. Foi então que o prefeito Jorge Pontes, entre 2011 e 2012, construiu um novo prédio para atender as demandas de alunos de vários bairros periféricos e do centro do município. O prédio novo da escola Prof.ª Nair Sambrano Bezerra passou a ser no bairro Campinho.

Atualmente a escola atende 830 alunos do ensino fundamental II, das 7h30minàs 12h e das 13h às 17h. O noturno funciona com turmas de 1ª/2ª séries (1ª etapa), 3ª/4ª séries (2ª etapa), 5ª/6ª série (3ª etapa) e 7ª/8ª (4ª etapa) da EJA.A escola possui 12 salas de aulas, quadra poliesportiva, uma biblioteca, uma sala multifuncional, auditório, sala de professores e sala de coordenação. Conta com 25 professores, 20 com carga horária de 40 horas e 5 com 20 horas (28 e 14 aulas de 50 minutos, respectivamente), 6 agentes administrativos escolares, 5

serviços gerais, 3 merendeiras, 2 porteiros e 2 vigias. A equipe técnica conta com 3 coordenadores, 2 de 40 horas e um de 20 horas (que atende a EJA), além de um diretor e dois vice-diretores, um de 40 horas e outro, do noturno, de 20 horas; totalizando 49 funcionários. O prédio é arejado e espaçoso, embora apresente problemas estruturais e elétricos.Essa escola apresenta características que diferem da maioria das escolas da rede pública municipal e tem condições de funcionamento adequadas. Todas as turmas contam, em média, com 35 alunos de diversos bairros periféricos e do centro da cidade; a maioria dos alunos é proveniente dos setores populares e tem um perfil bastante homogêneo em termos socioeconômicos, étnico-raciais e culturais.

Foi por trabalhar na EJA, nessa instituição de ensino, que decidi pesquisar os alunos, ouvindo suas histórias, uma vez que estudar as histórias de vida é fazer parte delas, é sentir o que é narrado.Foi isso que me permiti nesta pesquisa, viver as memórias desses alunos dentro de sala de aula e me aproximar de suas vivencias, com o objetivo de analisar,por meio de seus depoimentos, qual o sentido da alfabetização para eles.

2 AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES DA EJA

2.1O Método

O presente estudo requer uma abordagem qualitativa, pois elege o método história de vida como procedimento investigativo. O termo “história de vida” é uma tradução do francês *historie* e dos vocábulos em inglês *history* e *story*. Em 1970, o sociólogo americano Norman K. Denzin propôs uma distinção entre os termos que se tornou crucial para separar duas metodologias essencialmente opostas.

Já o *history* ou*lifehistory* trata de um estudo de caso. É o estudo sobre um fato da vida de um indivíduo ou grupo de indivíduos que incluem, além da narrativa, documentos que possam ser consultados para verificação de sua autenticidade, como prontuários médicos, processosjudiciais, testes psicológicos, testemunhos e/ou entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito ou a situação do estudo.

O *story* ou *lifestory* é um relato de vida contadopela pessoa que o vivenciou. Interessa ao pesquisador a narrativa que possibilita um estudo sobre os acontecimentos relatados pelo indivíduo, que neste processo expõe a sua singularidade. Não cabe, portanto, a confirmação da autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando.

Desse modo, enquanto a metodologia *lifehistory* (ou estudo de caso, como é conhecida no meio científico) se preocupa com a dimensão factual, à *lifestory* (ou história de vida)interessa a narrativa biográfica que carrega em si uma dimensão sócio-histórica-psicológica do indivíduo, com o compromisso de rememorar um momentohistórico, conforme a vida vai
sendo revisitada pelo sujeito pesquisado.

Para trabalhar com o método história de vida, a presente pesquisa busca explorar informações mais subjetivas e em profundidade, levando em consideração as particularidades dos sujeitos entrevistados. Assim, esse método possui uma abordagem que correlaciona duas dimensões amplas: a narração dos fatos e a singularidade.

A narração dos fatos faz parte da experiência de vida de cada um, inscrita no universo de suas relações sociais, de classe e de poder. Já a singularidade diz respeito ao que faz sentido para as pessoas; ela não está na história nem mesmo na sua narrativa, mas é apreendida na análise posterior do que foi narrado.

Apesar de ainda ser pouco explorado nas pesquisas acadêmicas no Brasil, historicamente, a utilização da história de vida como abordagem metodológica remonta ao século passado. Criada em 1920 pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieścki, na Polônia, foi a partir da década de 1960 que essa metodologia de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais.

De acordo com Josso (2010), pesquisadora suíça que desde a década de 1980 vem se dedicando ao estudo de pesquisas sobre formação de adultos utilizando o método história de vida, essa metodologia se relaciona com a produção de conhecimentos eexperiência dos sujeitos quando a narrativa estabelece reflexões sobre as mutações sociais e culturais nas vidas dos estudantes, possibilitando uma investigação que vai além dos fatos e do contexto social, mas apresenta, também, as singularidades.Corroborando esse entendimento, Gaulejac (2005) afirma que o principal objetivo do método história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador, uma vez que a experiência de relatar sua história oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la e ressignificá-la.

O método ainda permite trocas mútuas entre pesquisador e sujeito pesquisado por meiodo diálogo que se estabelece em um espaço confortável e de confiança, onde o entrevistado se sinta mais livre para contar as suas experiências de vida e situações que contribuirão para alcançar o objetivo da pesquisa. Este momento inspira cuidado da parte do

pesquisador em ouvir o indivíduo e implica numa postura ética de escuta e análise, que possibilita uma contribuição no que considerar essencial.

Logo, a comunicação entre os partícipes da pesquisa é o principal instrumento para a construção do trabalho. O método pretende que o sujeito estudado, ao sentir-se confiante e tranquilo, seja proativo. Como afirma Marre (1999, p. 115), "aqui o indivíduo pode dizer tudo", isto é, o sujeito é livre para relatar aquilo que sente vontade, sem estar preso apenas aperguntas intencionais e específicas que os impedem de ter um ambiente aberto para contar a sua história.

Neste ínterim, o método começa a partir do desejo do entrevistado de contar sua vida como achar melhor, e ao contar a sua história de vida o sujeito não faz apenas uma apresentação de si, mas relata momentos que marcaram sua trajetória, além de falar do seu contexto e dos processos experimentados que estão intimamente ligados à conjuntura social na qual está inserido. Dessa forma, ressaltamos que a narrativa apresentada não é apenas uma coletânea de acontecimentos passados ou a memória em geral, mas, sim, o modo como o sujeito representa aspectos que são relevantes para a compreensão de sua situação atual, e é através desse entendimento que conseguimos trabalhar o passado dos sujeitos, no qual, então,temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores.

Assim, podemos afirmar que o método história de vida baseia-se na "premissa de que os conhecimentos sobre esses indivíduos só são possíveis com a descrição da sua experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores" (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p.120), possibilitando que os indivíduos apresentem suas histórias, falem de si, recorram a sua memória, suas lembranças e suas testemunhas para afirmar algo de si mesmas e de sua comunidade (BOJE, 1995).

Queiroz (1998) afirma que o relato de uma pessoa sobre sua existência através do tempo é uma "invenção de si mesmo", ou seja, um processo que reconstrói os acontecimentos vivenciados e, de igual modo, transmite a experiência adquirida, revelando fatos significantes que capturam a construção da identidade do narrador e sua identificação com o grupo cultural e social ao qual pertence.

Para alcançar o sucesso na utilização dessa metodologia é necessário, antes de tudo, entender o discurso como uma ponte entre o coletivo e o individual, além de analisar o vínculo estabelecido entre o pesquisador e o sujeito, o sentido que o sujeito dá para sua história e a ressignificação estabelecida sobre ela. Há mais uma preocupação extra sobre o vínculo entre pesquisador e sujeito. Alguns autores, a exemplo de Barros, Bosi e Paraná, ressaltam a importância de uma relação de confiança e até da amizade entre o pesquisador e

quem narra sua história. Desse modo, o sujeito pode ser escolhido a partir de relações já desenvolvidas pelo pesquisador.Além disso, a análise das categorias não parte da elaboração de hipóteses previamente estabelecidas (como acontece em outras pesquisas qualitativas), mas se desenvolvem a partir e numa relação de parceria entre pesquisador e sujeito, na qualambos estão em um mesmo nível de hierarquia.

Nocaso do presente estudo, utilizar as potencialidades desse método servirá como uma forma de compreender por que os alunos entrevistados não estudaram quando criança, qual a importância da alfabetização para eles e o significado dado em alcançar o letramento na fase adulta. Por isso, evidenciamos que esta pesquisa não se propõe analisar particularidades históricas da vida dos seus parceiros, mas compreender as categorias sociais e de gênero que não permitiram que o estudante não estudasse e se alfabetizasse enquanto criança.

Os estudantes parceiros da pesquisa apresentam marcas individuais e singularidades, mas também demonstram semelhanças nos anseios, nas expectativas de aprendizagens e em relação ao grupo social que fazem parte. Aqui, as histórias de vida se aproximam muito e se encontram num mesmo sentimento e vontade de alfabetização.

2.2Os Caminhos

Seguimos neste estudo o caminho descrito por AnabelMoriña,que determina três etapas para o método história de vida: 1) Estabelecer a técnica de coleta de dados; 2) Analisar os dados coletados; 3) Apresentar a interpretação dos relatos-biográficos.Para a primeira etapa, escolhemos a entrevista biográfica como técnica de coleta de dados. Foram entrevistados seis alunos da EJA, da primeira e segunda etapa de alfabetização, do Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, na cidade de Santa Cruz Cabrália, na Bahia, local em queatuo como professora das disciplinas de história, geografia e ciências.

Após o contato inicial com as alunas e o aluno, parceiros desta pesquisa foi apresentada a proposta e o termo de autorização. De imediato, todos/as aceitaram assinar e contribuir com a investigação. Por conta da pandemia da Covid-19, os encontros foram agendados por telefonee respeitando todos os protocolos de distanciamento social. Cada entrevista foi marcada de acordo com a disponibilidade dos alunos. Das seis entrevistas, cinco foram realizadas nas residências dos alunos e uma emminha casa, por opção da própria aluna. As entrevistas aconteceram no mês de janeiro de 2021, sendo utilizado gravador de voz

para o momento das narrativas. Os parceiros também permitiram ser fotografados. Iniciamos o diálogoseguindo a proposta feita porHermanns:

> Quero que você me conte a história da sua vida. A melhor maneira de fazer isso seria você começar por seu nascimento, pela criança pequena que você um dia foi, e, então, passará contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa. (HERMANNS, 1995, p. 182).

A partir dessa proposição motivadora e norteadora, os entrevistados ficaram livres para fazerem seus relatos de história de vida.Partimos, então, para segunda etapa da metodologia: análise dos dados coletados. Nesta fase analisamos os dados coletados utilizando trechos das narrativas com base nas dimensões sociais e de gênero. Na terceira etapa,estabelecemos uma interpretação não neutra (MORIÑA, 2017), ao incluir comentários próprios sobre as histórias de vida dos participantes com o intuito de alcançar o objetivo final desta pesquisa: correlacionar o significado da alfabetização com a valorização das histórias de vida dos alunos e suas permanências na escola.

Por meiodo método história de vida conseguimos trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos.Temos, então, acesso à cultura, ao meio social, aos valores. Um relato é sempre dirigido a alguém e, assim, provoca também um efeito em quem o ouviu.Dessa forma, esta pesquisa vem estudar as histórias de vidas dos alunos da primeira e segunda etapa da alfabetização na EJA, do Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, na cidade de Santa Cruz Cabrália/ BA, como explicitado anteriormente, estapesquisa é qualitativa usando o método História de vida, pois permite obter informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa. O métodoHistória de vida utiliza-se das trajetórias individuais no âmbito das relações humanas para conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários sujeitos, fornecendo uma gama de detalhes sobre o tema. Dá-se ao pesquisado a oportunidade de dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo questionado pelo entrevistador.

No primeiro momento,conversamos com as turmas sobre o projeto para o mestrado, sua importância e o porquê eu escolhi fazê-lo. Depois expliquei que precisava fazer uma pesquisa de campo para concluir esse curso, sendo que a proposta inicial era aplicar o projeto na sala durante minhas aulas, que são divididas em três dias, e perguntei, ainda, se eles

autorizavam.Todos os 18 alunos presentes[14] na 1ª etapa e todos os 15 da 2ª etapa concordaram e acharam interessante meu trabalho, mas nem todos aceitaram contar suas histórias.

Somente 12 alunos se colocaram à disposição, sendo 6 da 3ªe 4ª e 6 da 1ª e 2ª, os demais alegaram diversos motivos para recusa, por isso respeitei suas vontades e comecei a colocar em prática a pesquisa.

Os alunos que aceitaram compor o quadro de sujeitos da pesquisa apresentam um ponto em comum: a busca pela realização do sonho da alfabetização.

A entrevista semiestruturada[15] é o único instrumento na coleta de dados da pesquisa. De acordo com Ludke e André (1986), ela permite a captação imediata e corrente da informação. De acordo com as autoras, uma entrevista bem-feita pode permitir o aprofundamento da investigação, bem como atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação. Ainda sobre a entrevista, Bogdan e Bilken (1994, p. 33) afirmam: "A entrevista como instrumento é capaz de coletar dados descritivos na linguagem do próprio sujeito e pode permitir ao investigador o desenvolvimento intuitivo de ideias sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo".

As entrevistas foram gravadas por meio de gravador de voz, pois além de preservar e registrar todos os detalhes da fala dos alunos, a técnica permite que o entrevistador preste mais atenção ao relato cedido. Após a gravação, as entrevistas foram transcritas, uma tarefa árdua que demandou tempo e tentoupreservar os detalhes das falas dos parceiros. Os alunos parceirossão sujeitos ativos, e entendo que trabalhar com memórias e histórias de vida impõe limites, pois sabemos que lembranças podem aflorar momentos tristes ou apresentar alguns entraves.

Durante esse período de pandemia, sempre estive em contato com os alunos da turma que possuem telefone, em especial com os alunos sujeitos desta pesquisa, mas dos 12 alunos que aceitaram contar suas histórias, apenas 8 tinha telefone, por isso não consegui contato com os outros 4. Outro desafio surge, então, pois além da falta de contato com 4 alunos, tive a desistência de 2.

Um terceiro desafiofoi à busca pelos endereços dos alunos pesquisados.Sabe-se que os estudantes da EJA, em sua maioria, são pessoas oriundas das classes populares (PAIVA, 1987), as quais, em grande proporção, residem em áreas pobres das grandes e das pequenas

[14] A turma de 1ª e 2ª série possui 33 alunos matriculados, mas apenas 18 são frequentes,e a turma de 3ª e 4ª possui 15 matriculados e frequentes.

[15] Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

cidades. Essa situaçãose confirma nesta pesquisa, tendo em vista que, das seis pessoas que contaram suas histórias de vida, 5 delas moram na maior região periférica do município de Santa Cruz Cabrália, no Bairro Geraldão[16], onde apresenta o maior índice de violência da cidade[17], por ser o mais populoso e o quemais intensamente convive com a negligência do Poder público.

Após a identificação dos endereços dos sujeitos da investigação, a tarefa seguinte foi a de localizar cada uma das residências, para facilitar minha chegada.No dia da entrevista,aproveitei para conversar com eles sobre o processo de gravação das suas histórias de vida e solicitar algumas informações. O método de investigação de história de vida permite o uso de vídeo, mas este recurso não foi utilizado nos estudos analisados aqui, pois os alunos não quiseramaparecer, eles assinaram a autorização apenas para a gravação de voz e fotografia, e isso foi respeitado. Foi dada a oportunidade dos alunos que participaram das entrevistas de escolherem seus nomes fictícios, mas todos preferiram usar seus próprios nomes, pois alegaram não ter vergonha de suas histórias de vida e se sentiam vencedores por voltarem à escola. Sendo assim, apresento, a partir de agora, nossos parceiros Ana Lúcia,Edna, Joel, Lúcia, Maria José e Patrícia.

2.3 Contando sua História: as Entrevistas

As linhas que seguem apresentam uma breve descrição de cada uma das pessoas que se dispuseram a contribuir com esta investigação.

Ana Lúcia tem 50 anos, nasceu no município de Santa Luzia, foimorar aqui em Santa Cruz Cabrália já adulta e constituiu família: mãe de 6 filhos e avó de 14 netos. Seu primeiro contato com a escola foi aos 27 anos de idade. Ana Lúcia já faz seu nome completo e lê silabas simples;está cursando a 3ª e 4ª séries da EJA.

Edna tem 49 anos de vida, sua cidade de nascimento é Ilhéus, está morando em Santa Cruz Cabrália há3 anos, não tem filhos biológicos, mas umfilho do coração que ela adotou,

[16]Geraldo Scaramussa foi Prefeito de Cabrália por duas vezes consecutivas, entre 1997 e 2004. Chegou à Bahia no auge do ciclo madeireiro, entre as décadas de 1960 e 1970. Geraldo, que tinha uma das maiores serrarias da região, contribuiu para a fundação do bairro Geraldão, que tem 20 anos de existência, e recebeu esse nome em sua homenagem.

[17]De acordo com o levantamento feito pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em 2016, a Bahia lidera ainda o ranking geral com 4.235 mortes, uma taxa de 27,9 a cada 100 mil habitantes. O município de Santa Cruz Cabrália encontra-se na 24ª posição, com 75,1.

pois o abandonaram em sua porta. Não é casada, trabalha como doméstica eestá cursando a 1ª e 2ª série (1ª etapa da EJA). Edna sabe fazer seu nome completo, apesar de ainda não sabe ler.

Joel é viúvo há cinco anos, tem 53 anos de idade, é natural de Belmonte, uma cidade vizinha deSanta Cruz Cabrália. Trabalha como pipoqueiro em festas e eventos, além disso, faz "bico" de pedreiro para sustentar seus 4 filhos que ele cuida sozinho desde quando sua esposa faleceu.Joel está na 1ª e 2ª série do ensino fundamental I da EJA, ainda não lê, mas já faz seu primeiro nome.

Lúcia tem 52 anos de idade, é natural do Salto da Divisa, em Minas Gerais,foipara Cabrália com 11 anos de idade, mora com seu companheiro há 20 anos e tem 2 filhos adotados. Lúcia teve um filho biológico, mas ele faleceu ainda pequeno. Ela é vigia de uma escola no bairro que mora e está na 3ª e 4ª série (2ª etapa). Faz seu nome completo e reconhece todo o alfabeto, mas ainda não consegue ler.

Maria José está na 3ª e 4ª serie (2ª etapa), sabe fazer seu nome completo, já faz continhas pequenas e sabe lê silabas simples. É natural de Canavieiras e foimorar em Santa Cruz Cabrália com apenas 16 anos; hoje ela está com 48 anos de idade, é doméstica, casada a mais de 20 anos e mãe de 1 filha.

Patrícia tem quatro filhos homens, tem 36 anos de idade, é casada e sua profissão é doméstica. Patrícia não soube dizer sua cidade de nascimento. Está cursando a 3ª e 4ª série (2ª etapa), já faz seu nome completo, mas ainda não lê.

Quadro1:caracterização do sujeito.

SUJEITO	IDADE	Nº DE FILHOS	PROFISSÃO	NATURAL CABRÁLIA	SABE LER
Edna	49	01	Doméstica	Não	Não
Joel	53	04	Pipoqueiro	Não	Não
Ana Lúcia	50	06	Diarista	Não	Sim(sílabas)
Lúcia	51	02	Vigia	Não	Não
Maria José	48	01	Doméstica	Não	Sim(sílabas simples)
Patrícia	36	04	Doméstica	Não	Não

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Nota-se, conforme o Quadro 1, que o perfil dos sujeitos que darão voz a este trabalho é comum ao que outras pesquisas têm apresentado. Em geral, são pessoas oriundas de famílias simples e profissionais não qualificados por não serem alfabetizados.

> As pessoas que frequentam o segmento de educação voltado aos jovens e adultos, antes de serem estudantes da EJA, são atores sociais que,

> cotidianamente, ajudam a construir – social e culturalmente – a sociedade na qual se encontram inseridos. Paradoxalmente, as referidas pessoas são vítimas de discriminação social da mesma sociedade, tendo em vista a supervalorização dada ao sujeito alfabetizado, em detrimento do não ou do pouco alfabetizado (ARAÚJO, 2007, p.14).

No entanto, o importante aqui é ouvir suas histórias de vida tentando captar o significado da alfabetização para cada um. Nesse sentido, o roteiro para as entrevistas semiestruturadas foi de apenas dois questionamentos, o porquê você não estudou enquanto criança? E qual o significado/importância de ser alfabetizado para você?Deixando fluir livremente suas histórias de vida.

As lembrançasguardadas em nossa memória vão construindo nossa história, nostor--nando singulares pelas experiências, e mesmo que vivamos as mesmas situações de outras pessoas, sempre haverá diferença nas percepções, pois somos seres únicos, com vontades e identidades próprias. Contar sua história de vida, assim como os sujeitos dessa pesquisa aqui fizeram, é revivê-la, senti-la; emocionar-se é trazer para o momento da entrevista o que ficou guardado na memória, e é dessa forma que tentei analisar as experiências vividas por esses estudantes, trazendo a sua história para nossa história, deixando que cada indivíduo se apresente livremente por suas lembranças.

O fato é que para conhecermos alguém temos que aprender a ouvir sua história de vida, para, a partir dela, compreendermos quais os sonhos, as conquistas, as angústias e as decepções que fizeram e farão parte da trajetória da vida de cada um. Relembrar é uma forma de sentir novamente, e a cada lembrança relatada aprender novamente com aquele momento passado. O professor da Universidade de Sussex, Inglaterra, Alistair Thomson (1997, p.57) afirma: “Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas no convivo social”. O autor informaque as narrativas não são histórias exatas de nosso passado, que ao narrarmos, moldamos os acontecimentos e desejos atuais.

As entrevistas foram pré-agendadas com as alunas e alunos pelo telefone, de acordo com a disponibilidade de cada um. Penso que esse momento de escuta foi o mais importante desta pesquisa, pois se trata de histórias reais de pessoas reais, e foi necessária muita ética e atenção da pesquisadora.É de suma importância destacar que, no momento da entrevista, o pesquisador precisa compreender que a relação sempre será carregada de intencionalidades e sentidos, tanto para ele quanto para o pesquisado. Sobre esse aspecto, Bourdieu (1997) nos alerta sobre alguns cuidados para uma comunicação “não violenta”, ao afirmar que todos os

procedimentos que podemos imaginar para reduzir a distância entre entrevistador e entrevistado têm seus limites.

O autor deixa evidente que “entrevistar não é se colocar no lugar do outro, mas dar compreensão à sua fala” (BOURDIEU, 1997, p. 700). Para perceber essa sutil diferença, é fundamental entender que embora o pesquisador se esforce ao entrar no universo simbólico e/ou imaginário do sujeito entrevistado, ele nunca poderá se apropriar dos sentidos de quem fala, embora possa (e seja seu dever) compreender e/ou interpretar seu discurso a partir de uma série de procedimentos inerentes à pesquisa.

Em sua obra “A miséria do mundo”, Bourdieu (1997) afirma que dar voz ao entrevistado pode ser uma maneira de compensar a ausência ou sua falta de poder na sociedade, ou ainda de delimitar a condição social do outro. Segundo o autor, as entrevistas permitemcompreender a “miséria do mundo”, não apenas a miséria dos que se batem contra a pobreza, mas também a miséria daqueles que ocupam um lugar invejável no plano social.

De acordo com Flick (2009), as narrativas produzidas pelos entrevistados, como forma de obtenção de dados, podem ser uma alternativa às entrevistas semiestruturadas.Esse tipo de entrevista permite ao pesquisador abordar um mundo empírico, até então estruturado, do entrevistado, de um modo abrangente:

> Na entrevista narrativa, solicita-se ao informante que apresente, na forma de uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual o entrevistado tenha participado. A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte sua história da área de interesse em questão como uma históriaconsistente de todos os eventos relevantes, do início ao fim (HERMANNS, 1995, p. 183 *apud* FLICK, 2009, p. 165).

Essas entrevistas tiveram duração aberta e foram realizadas em um único dia para cada entrevistado. As conversas constituíram-se, principalmente, de experiências e relatos de vivências dosestudantes, os problemas que já enfrentaram ao longo da vida por não serem alfabetizados e como superaram esses problemas. Buscamos, também, apreender características de suas rotinas de vida, assim como seus percursos escolares, profissionais e familiares, criação dos filhos.

2.3.1 Ana Lúcia Batista

Figura 1:fotografia de Ana Lúcia Batista:

Fonte:acervo pessoal da pesquisadora (2021).

Eume chamo Ana Lúcia Batista, tenho 50 anos, sou de Santa Luzia. Durante

minha infância,eu fui criada pela minha avó, a gente morava na roça e minha avó não tinha condição de me colocar na escola, mas tinha um homemna época que era muito estudioso, e todas as famílias que moravam lá na roça levavam as crianças que nasciam para ele colocar o nome, a data que nasceu a hora, o dia, tudo direitinho; ele também dava aula para as crianças da fazenda na casa dele e a minha avó me colocou na casa dele quando eu tinha 8 anos para estudar, eu tinha que morar lá porque era distante da casa da minha avó, mas eu não queria ficar na casa dele porque tinha muita gente; ele tinha muitos filhos e não entrava nada que ele ensinava na minha mente.
Na verdade, eu ficava com saudades da minha avó e quando fui para casa, não quis mais voltar e por esse motivo eu não estudei. Fiquei esse tempo todo ajudando minha avó na roça e quando eu fiz 14 anos, conheci um homem que se interessou por mim e eu fui morar comele.Minha avó e meu tio não queria esse relacionamento porque ele era mais velho, mas eu pensei que minha vida iria melhorar, que eu iria sair da roça e estudar; foi quando eu fui com ele para uma cidade que não lembro o nome, fiquei oito anos lá, foi um lugar que sofri muito, tive quatro filhos desse homem, sofri bastante; ele me batia, não deixava eu estudar, pensei que não ia sobreviver de tanto sofrimento que passei. Foi quando a gente veio embora para Cabrália.Ele achou uma forma de trabalhar aqui como pescador, e então viemos.
Aqui em Cabrália minha vida começou a mudar, porque nessa cidade aqui,foi onde conheci muitas pessoas maravilhosas, trabalheiem casa de família.Primeiro foina casa de uma professora, ela me ajudou explicando algumas coisas, como as letras, os números, e depois eu fui trabalhar com uma senhora, que mora aqui no centro, uma pessoa muito maravilhosa, e foi onde eu fui crescendo; ela me incentivava a estudar, mas meu marido não deixava; eu queria muito ir para a escola porque eu não sabia nem fazer meu nome. Foi quando meu marido foi assassinado e eu, mais uma vez, não pude estudar porque tinha que trabalhar mais para sustentar meus quatro filhos, então eu trabalhava em duas casas e não tinha tempo de ir para a escola.
Quando fiz 27 anos conheci meu atual esposo e tive duas filhas com ele.Ele era da igreja e me levou para conhecer.Foi quando a vontade de estudar ficou maior por que eu via todo mundo na igreja lendo a Bíblia e eu tinha um desejo de ler a Bíblia, eu tinha esse sonho, eu não vou mentir.Não tenho vontade de me formar e sei que também não vou conseguir, queria mesmo

era pegar a Bíblia e ler, entender e explicar. Queria muito entrar na escola, mas não tinha coragem de conversar como meu marido.Foi quando minha filha mais velha falou para ele que eu tinha esse desejo, e para minha surpresa, ele não achou ruim, ao contrário, me incentivou e foi fazer a matrícula comigo.
Meu atual marido é um homem bom, da igreja, mas por tudo que vivi antes com o outro, tinha medo de falar meus sonhos. O primeiro dia na escola foi muito bom, fiz muitas amizades, tinha umas irmãs da igreja que já me motivava mais a continuar.Demorei um pouco de aprender, mas com a ajuda dos meus filhos, comecei a fazer meu nome, a ler algumas palavras.Ainda não consigo ler a Bíblia, mas já faço muitas coisas só, pego ônibus, vou no banco, no mercado, passo troco, sem precisar de ajuda.
Quero continuar porque quero aprender mais.Fiquei triste com essa pandemia, pois quando eu já estava melhorando na leitura, tive que parar. A escola para muitos é importante porque a gente pode ir num lugar que não conhece, passa a conhecer por conta da leitura, porque teve uma época que eu ia a Porto Seguro para o banco, tinha que ficar perguntando as coisas às pessoas, como que chegava aos lugares, qual ônibus que pegava, tinha muita vergonha e, agora, até para são Paulo eu já fui sozinha antes dessa pandemia.Então, isso,pra mim,é muito importante, e foi por conta da escola. (Ana Lúcia Batista, 2021, entrevista).

2.3.2 Edna de Jesus Cardoso

Figura 2: fotografia de Edna de Jesus Cardoso:

Fonte:acervo pessoal da pesquisadora (2021).

Meu nomeé Edna de Jesus Cardoso, tenho 49 anos, moro aqui em Cabrália há 3 anos e faço a 3ª e 4ª série da EJA, no Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra. Na época que éramos crianças, meu pai trabalhava comoempregado de fazenda e sempre quando estávamos estudando, uma semana ou duas, meu pai saia de uma fazenda para outra pra não ficar desempregado, e muitasvezes quando chegava lá não havia escola, a gente ficava sem estudar, mas quando ele,finalmente,foi trabalhar numa fazenda

que tinha uma escola fixa, aconteceu que meu pai adoeceu, então tive que trocar a escola pela enxada.Fui trabalhar na roça para cuidar da saúde do meu pai, eu não gosto nem de contar essa história,por que foi muito dolorido para mim; meu pai ficou de cama e piorou de um jeito que nós não ficávamos muito perto, a gente não podia mais trocar ele, só minha mãe e minha cunhada faziam isso.

Eu tinha de 13 para 14 anos, porque naquela época agente só ia para escola com 10 anos. Daí para cá, meu pai passou dois anos na cama.Continuei trabalhando na roça depois que meu pai morreu, continuei trabalhando para sobreviver e fiquei sem estudar, aí arrumei um marido, eu tinha 15 anos e precisava sair de casa para diminuir a despesa da minha mãe; esse meu primeiro marido não foi bom para mim, não me deixava estudar, nem sair, eu sofri muito.Ele me batia, me prendia, então, por conta do meu sofrimento, aprendi a beber e acabei virando alcoólatra, passei muita dificuldade e me separei. Mas Graças a Deus, eu agradeço a Deus e a minha Virgem Maria todos os dias, pois hoje em dia não bebo nem refrigerante, só que foi muito difícil, não tinha ninguém para me apoiar, os parentes sumiram, às vezes achava um amigo bom, uma pessoa boa, que dava uma mão. Foi quando eu conheci o pai do meu filho Fernando, ele era bom pra mim e me cobrava para ter filhos, mas eu não sei o que acontecia que eu não consegui.Foi quando um dia de manhazinha eu acordei e fui varrer a frente da casa e quando eu abro a porta e olho, eu vejo um bebezinho enroladinho numa caixa que deixaram em minha porta, fiquei tão emocionada que nem consigo lembrar o sentimento daquele dia.Corri para mostrar para meu marido e ele disse que eu tinha que deixar pra lá aquela criança e que ia acreditar que era dele que alguma mulher que ele ficou e deixou ali para eu terminar com ele.

Mas meu amor de mãe foi maior.Eu falei que se ele quisesse ir embora, que fosse porque minha escolha era o bebê. Ele, então, se aquietou e me ajudou a criar o menino que parecia ser de 7 meses, porque era muito pequeno.Para você ter uma ideia, ele cabia na caixa de sapato, era tão magrinho e aparentava ter 1 mês.Os vizinhos me criticavam e dizia que esse menino não iria vingar, diziam que eu era louca de ficar com uma criança daquele jeito.E aí começou minha lida para criar meu filho e, mais uma vez, não pude estudar, pois quando meu filho tinha 6 anos mataram o pai dele, meu marido, e eu tive que criar meu filho sozinha.

Depois que meu filho cresceu um pouco,fui tentar estudar.As pessoas falavam na época do Mobral, mas eu não fui diretamente para o Mobral,era uma aula com a cartilha,mas em casa eu não conseguia fazer sozinha a tarefa e, mais uma vez, eu deixei pra lá,mas sempre tive aquela vontade de ler, pois a vergonha que tinha era de chegar aos lugares e assinar colocando o dedo. Eu tenho, até hoje, a minha primeira identidade, foi assinada com o dedo.Eu achava isso muito ruim. Depois eu comecei a frequentar a igreja, pois eu sabia que existia Deus, mas não ia à igreja, mas assim que Deus me deu essa benção de parar de beber, de fumar, porque eu fumava, ergui minha vida e minha cabeça,e na igreja eu comecei a ter vontade de ler a Bíblia, e como meu filho já tinha 23 anos, há uns cinco anos atrás eu voltei para a escola.Estudei a primeira etapa da EJA lá em Jussarí, cidade que eu morava antes de vim pra cá, e continuei aqui, aprendi a fazer meu nome e logo fui fazer outra identidade, agora com meu nome assinado. Foi um momento tão feliz da minha vida, escrever sozinha meu nome. Eu perdi muito tempo da minha vida sem estudar.Se soubesse ler, tenho certeza que seria outra mulher, que não seria tão humilhada como fui.Já passei muita vergonha por não saber ler, e se eu tivesse estudo teria um trabalho melhor, porque atualmente trabalho em casa de família, e é muito difícil.Ainda bem que meu

filho cresceu um homem bom e me ajuda em casa e também com as tarefas da escola.
Hoje eudou muito valor para as professoras. Graças a Deus, as professoras que encontrei foram ótimas.Eu gosto muito da escola, ela me distrai gosto das amizades; uma colega ajuda a outra, não existecríticas. Por isso, quero continuar, e estou sentindo muita falta da escola nessa pandemia.Meu caderno fica na mesa por que de vez em quando eu faço umas letrinhas e meu nome, e meu filho quando chega do trabalho, olha e corrige, por que não quero esquecer. A escola é muito importante pra mim.Sempre incentivei meu filho a estudar e não desistir; ele terminou o ensino médio, mas ainda sonho com ele fazendo uma faculdade. Só que agora ele está trabalhando. Mas eu não perco a fé (Edna de Jesus Cardoso, 2021, entrevista).

2.3.3 Joel Ramos Silva Filho

Figura 3: fotografia de Joel Ramos Silva Filho.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2021).

Meu nome é Joel Ramos Silva Filho, sou nascido em Belmonte, tenho 53 anos, sou viúvo, tenho quatro filhos e voltei a estudar no ano de 2020, na 1ª e 2ª série. Fui criado sem pai.Quando tinha a idade de 5 anos, minha mãe se descontrolou com meu pai, arrumou as coisas todas e jogou num Jipe velho e foi para a roça da minha avó.Fomos morar, então, na roça, perto do brejinho; lá era muito longe pra vim para a escola a pé, porque não tinha transporte; minha mãe atématriculou a gente, mas era muito longe pra ir a pé todos os dias.Depois nos mudamos da roça e fomos morar na casa de uma tia minha; só ficávamos assim morando de galho em galho.Estava bem em um canto, e não sei o que minha mãe achava que já ia pra outro canto, era desse jeito.Não tive oportunidade de estudar. Quando fiquei homem, saí da roça, e sozinho e Deus, eu vim morar aqui em Cabrália.
Eu sair de Eunápolis em 1985comprei aqui um terreno.Minha mãe dizia que se eu comprasse aqui seria bom, e conversei com minha mãe que o terreno era, na época, R$ 1.700,00, e a gente não tinha esse dinheiro.Foi aí que minha mãe falou que se vendesse as duas casas que a gente tinha que dava para comprar.Minha mãe me ajudou muito com isso. E mesmo sem estudo negociei.O comprador era o vizinho do fundo. E, com isso, consegui um pedaço do valor para comprar o terreno e fui conversar com o vendedor; falei que tinha pouco guardado e que se ele me esperasse dava o restante ele,

> e aceitou.Vim com quase 1kg de moedas, troquei, então cheguei com esse dinheiro e consegui comprar o terreno. Como ficamos sem dinheiro nenhum, passamos uma fase bem difícil, passei muita humilhação.
> Nesse tempo, eu ficava lá e cá, até construir um barraco.Quando consegui, eu conheci uma namorada e vim com ela de Eunápolis antes casamos lá em 90; ela engravidou da primeira menina e eu quis fugir.Fui lá para Barrolandia e deixei ela na casa,grávida.Não estava pronto pra criar filho.Quando voltei de lá, pensando que ela já tinha parido, encontroela com aquele barrigão; na hora eu estava em casa e a irmã dela chegou me dizendo que o filho era meu e que tinha que arrumar carro pra levar para o hospital.Minha mãe me falou que "agora ela vai ter que ficar em casa e você vai assumir ela",e ai me lasquei.A primeira filha morreu.Acho que foi castigo.Ela nasceu forte e quando estavacom 6 meses ela morreu de repente.Um dia estava com todo o amorcom ela, cheguei do trabalho, tomei banho, depois apanhei ela, e estou com ela assim na mão, foi aí que ela começou a virar os olhos, virar os olho.Rapidinho, fui levar ao hospital, já não tinha jeito, e até hoje não sei de que ela morreu, e se me explicaram eu não entendi porque não tinha estudo. Foi muito triste.Ela morreu em minhas mãos, e minha mulher ficou muito mal.
> Depois, eu e minha esposa ficamos mais unidos e tivemos mais quatro filhos.Hoje, a caçula está com 11 anos.Minha mulher me ajudou a crescer, era trabalhadeira e cuidava bem das crianças, mas ela adoeceu, teve um AVC, e faz seis anos que ela faleceu e eu fiquei só com os meninos.Eu sofri muito, mas consegui um emprego numa empresa, fiquei três anos e sofri um acidente de trabalho que machucou meu braço, e tive que parar de trabalhar.Foi quando eu fui encostado pelo INSS e, para não ficar em casae aumentar a renda para criar meus filhos,comeceia vender coisas na rua; vendo pipoca, no carrinho, e nas festas vendo bebidas. E com tudo isso que aconteceu em minha vida, a escola foi ficando de lado. Só que agora meus filhos estão maiores e me ajudam em casa e nas vendas,aí eu resolvi estudar, porque eu acho que para a pessoa que não sabe ler, é uma grande decepção; a pessoa está vendo uma coisa ali que não é do bem e a pessoa está achando que é bom, não consegue entender direito, e as pessoas podem enganar e agir de má fé com aquela pessoa que não tem estudo.
> Agora que estou mais descansado um pouco, hoje eu não tenho muita preocupação de ficar assim saindo e correndo atrás de trabalho, eu nem posso mais.Eu disse "agora eu posso", tenho condições de estudar, por isso que eu voltei a estudar, porque a pessoa sabendo ler muito é bom, pra também não ficar dependendo dos outros, e isso que eu quero.Eu quero, com fé em Deus, aprender. Foi muito difícil eu voltar para a escola depois disso tudo que passei.Sei que tenho muita dificuldade de aprender, mas a escola também ajuda a tirar a tristeza e a distrair (Joel Ramos Silva Filho, 2021, entrevista).

2.3.4 Lúcia Pereira da Silva

Figura 4:fotografia de Lúcia Pereira da Silva:

Fonte:acervo pessoal da pesquisadora (2021).

Eu sou Lucia, tenho 53 anos, moro em Santa Cruz Cabrália há mais de 20 anos, sou casada e tenho 2 filhos que peguei para criar ainda pequenos, o mais velho está com 29 anos e a menina tem 8 anos. Eu tive um filho meu mesmo, mas ele faleceu ainda bebê. Minha história não é nada fácil, eu fui uma pessoa criada na roça, meus pais moravam na roça e eles nunca tiveram condição de levar a gente para a cidade pra estudar, tanto que aqui em casa ninguém sabe ler,só meu filho agora, que, graças a Deus, teve estudo, e a pequena que também está estudando. Mas não foi só a roça que me atrapalhou de estudar, eutive uma infância muito difícil, nem gosto de falar... [lágrimas].

Fiquei grávida aos 11 anos e não tive mais infância e nem condição de estudar.Foi muito triste o que aconteceu com minha história.Acontece que eu fui vendida.Naquela época,a gente passava muita necessidade e fui vendida pela minha irmã para um caminhoneiro, ele me estuprou e fiquei grávida. Quando ele descobriu que eu estava grávida, me jogou na rua e então fui morar na rua.Durante minha gravidez, não conseguia voltar para casa, pois eu não sabia nem onde estava, e tive essa criança na rua com ajuda de umas pessoas que também eram moradores de rua.Ela ainda viveu por três meses, mas eu não sabia cuidar e morreu; depois dissofiquei muito triste por um tempo.Foi quando eu conheci umas pessoas que me deram abrigo, e fui criando um pouco mais de juízo depois que a criança morreu.Morei com essas pessoas por bastante tempo e depois conheci meu ex-marido, eu estava com a idade de 15 anos, ele me judiava muito, apanhava muito, não me deixava ir para a escola,eu ficava presa.Depois que fiquei 12 anos com ele, larguei ele e tornei a arranjar outro.Foi o mesmo sofrimento.Ele também não me deixava estudar, e agora que eu consegui esseatual é que, Graças a Deus, ele não me atrapalha em nada; eu estudo, trabalho.

Sempre quis estudar e hoje eu consegui.Me matriculei em 2020 e logo veio a pandemia, mas eu não desanimei, quero continuar. A minha vontade mesmo é de aprender a ler, e vou conseguir, se eu tiver vida até lá, eu vou conseguir, com todo o esforço, quero aprender a ler. O meu sonho é ser alfabetizada para contar um pouco da minha história pessoalmente, um livro meu, escrito por mim mesmo.E vou conseguir.Eu quero escrever a minha história, sobre o meu passado, tudo que aconteceu comigo, incentivando pra não perder a esperança, que as coisas mudam quando a gente luta e estuda, consegue melhorar a vida com a leitura com o conhecimento.

> Esses dias eu estava aconselhando uma irmã minha, que bebe muito, que se agente fosse jogar na bebida, nas drogas o que aconteceu na vida da gente, a gente vai estar se destruindo.Então, tem que lutar, chegar pra frente.E vi que depois que entrei na escola e conheci minhas amigas, eu sou outra pessoa, porque eu pensava muito em beber também, já pensei em me matar duas vezes, mas foi na escola, compartilhando com as colegas e as professoras, que essas ideias saíram da minha cabeça Por isso que eu digo que a escola é muito importante na minha vida e que não quero parar; mesmo com pandemia, vou fazer minhas tarefas e me esforçar. Sinto falta de ir presencialmente, porque quandoeu chegava à sala eu era igual a um papagaio, falava muito, dava muita risada.E em pouco tempo, eu aprendi a passar troco bem, pois dinheiro eu conheço bem, e depois que eu entrei lá eu fiquei mais esperta, faço conta bem.Então, graças a Deus, a escola me ajudou bastante. Sou feliz em estudar, e lembro que quando pequena, na roça, eu e meus irmãos cansamos de pegar folhas de banana, dizendo que era o caderno; pegava os galhos e ficava escrevendo, tentando escrever; a gente dizia que era escola.Sempre tivemos vontade,e eu ainda mais que eles; era meu sonho, e hoje estou estudando e só quero sair de lá lendo e escrevendo.Equero escrever no meu livro que “ninguém nunca deve perder a esperança” (Lucia Pereira da Silva, 2021, entrevista)

2.3.5 Maria José de Souza Dória

Figura 5:fotografia de Maria José de Souza Dória:

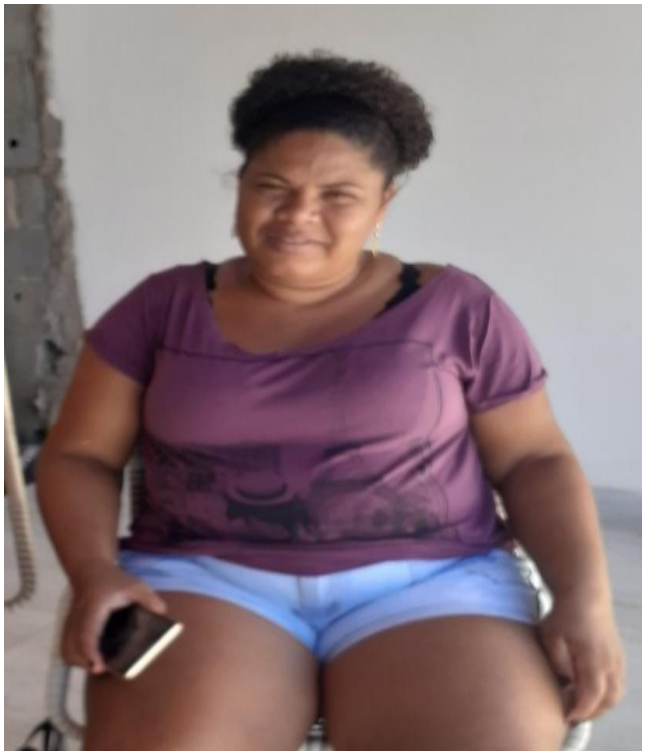
Fonte:acervo pessoal da pesquisadora (2021).

> Eu me chamo Maria José, tenho 48 anos, estou cursando a 3ª e 4ª série na EJA no Colégio Municipal Professora Nair Sambrano Bezerra, tenho 1 filha e 2 netinhos. Sou nascida em Canavieiras, mas vivo aqui em Cabrália já há 30 e poucos anos, casei aqui graças a Deus, sou evangélica, o meu esposo é o Jairo de Abreu Dória.Sou muito feliz por estar estudando também, pra

> mim é um prazer, porque é aquilo eu não tive infância.Hoje, graças a Deus, estou estudando, porque há oportunidade e nunca é tarde, precisa aproveitar as oportunidades que a gente tem. Eu não estudei quando era criança porque, na verdade, a gente morava na roça, meus pais não tinham condições de trazer a gente para a cidade estudar, era longe, era distante, tinha que ir a pé e voltar a pé.Só quando eu fiquei adolescente é que fui matriculada, mas como eu era muito atrasada em relação aos colegas da minha idade, eu ficava com vergonha, eeu me lembro de muitas vezes que ia para escolasó para brincar e não me dedicava nos estudos.
> Pra falar a verdade, eu não sentia vontade de estudar quando era criança, e quando fui adolescente eu só ficava namorando e a escola, naquele momento, não me fazia falta; eu só fui perceber o tempo perdido quando já estava adulta e precisei sair para trabalhar. Foi muito difícil tirar os documentos sem saber ler. Depois, me casei e tive minha filha, e aí é que pensava que a escola não fazia mesmo parte de minha vida, mas meu marido sempre me incentivava só que eu sempre arrumava uma desculpa para não me matricular.E o tempo foi passando, e minha filha cresceu e eu entrei na igreja.Foi aí que percebi que precisava da leitura. Via os irmãos indo na frente ler a Bíblia e falava com aquela fé, me fez querer voltar.Hoje, eu sinto que tive mais uma oportunidade dada pelo meu Deus, e os professores todos me abraçaram.Sou muito feliz por isso.
> Já faz dois anos que estou estudando; e eu pego um livrinho ou vem uma mensagem no meu celular, eu já leio, mas antes eu tinha que ficar dando para os outros lerem, ficava dependendo dos outros; às vezes eu leio as coisas aqui e vejo commeu esposo se está certo e quando ele diz que está certo, fico muito feliz. Hoje sei o quanto a escola é importante porque, na verdade, a gente quer ler e escrever pra não ter dificuldade em pegar um carro pra Porto Seguro, porque lá adiante vai ter uma placa e agente pode ler e se localizar, pode achar o endereço só, sem perguntar a ninguém se sente útil.
> Sinto falta da escola nessa pandemia.Espero que isso acabe logo, pois pretendo continuar.A única coisa que está dificultando são as minhas vistas, estou com problemas para enxergar, mas acredito que Deus vai enviar pessoas para me ajudar, porque hoje os exames de vista estão muito caro, então fazer uma cirurgia, está caro, muito caro; se for fazer pelo SUS, marcar esse ano, sai lá para dois ou três anos, e eu olhe lá porque não sai, mas Deus vai enviar pessoas para me ajudar.Se eu estivesse lendo, tenho certeza que estaria indo para 5° ou 6° serie, mas tudo é do querer de Deus.O querer dos homens a gente não pode fazer nada, só pedir a Deus para continuar a nossa rotina de sempre (Maria José de Souza Dórea, 2021, entrevista).

2.3.6 Patrícia Caldas Silva Santos

Figura 6:fotografia de Patrícia Caldas Silva Santos.



Fonte:acervo pessoal da pesquisadora(2021).

Meu nome é Patricia, tenho 36 anos, tenho 4 filhos homens, apenas 1 mora comigo, o caçula.Nasci em Itabela, depois eu fui morar em São João do Paraíso, depois eu vim para Santa Cruz Cabrália e estou aqui atéhoje.Meu primeiro filho eu tive com 16 anos, então nunca estudei, e naquela época, os pais da gente, esse povo antigo, sempre falava que a gente não podia estudar, porque ia pra escola só namorar e tal.

Quando eu era pequena eunão estudei, nunca fui à escola, o meu pai era muito bravo efalava que a gente não podia estudar porque queria aprender a fazer carta para os namorados.Nem eu nem meus irmãos, ninguém estudou, a gente morava na roça e não tinha condições de estudar; era muito longe pra a gente ir, a gente, às vezes, tinha que ter animal pra ir, pra ir a pé não dava porque era longe.A gente também ajudava nossa mãe e nosso pai na roça a trabalhar; então, quando a gente tinha 12 e 13 anos, a nossa vida era trabalhar pra ajudar nossos pais, então não tivemos tempo de estudar, e hoje eu falopara meus filhos, hoje muitos meninos tem a oportunidade que a gente não teve, então hoje tem ônibus escolar, tem colégio na porta, tem tudo, e na minha época não teve essas facilidades.Sofri muito, fui muito humilhada, senti muita falta de ser alfabetizada.Hoje, meu marido pega no meu pé para eu continuar estudando, mas,às vezes, eu não gosto de ir para a escola, apesar de saber como é importante.

Teve um momento em minha vida que eu fui para Salvador e sofri muito. Lá eu comecei a cuidar de uma senhora, e foi o tempo que mais eu senti a falta de ler, porque na hora dos remédios eu não sabia identificar, e na hora da entrevista eufalei com a moça que era filha da senhora, que eu não sabialer e que nunca tive estudo.Então falei que precisava do trabalho, mas não podia cuidar dela por conta da falta de estudo, porque na hora de dar os remédios eu não sei olhar o horário certo porque eu não sei as horas e não sei ler.Mesmo assim ela me deu o trabalho,pra eu ficar auxiliando a enfermeira, porque ela tinha enfermeira que dava os remédios na hora certa e eu ficava para ajudar, mas eu fui muito humilhada por causa disso;às vezes, eu saia de outros trabalhos por causa de não saber ler.Para chegar no trabalho tinha

> que pegar o ônibus, e passei muita vergonha porque, pra pegar um ônibus sem sabe ler, numa cidade grande com vários ônibus, precisava ficar perguntando as pessoas e tinha gente que ajudava e outros que não ajudava.
> O pior que já aconteceu comigo foi cuidando dessa senhora, pois um dia a enfermeira não foi e eu tive que cuidar sozinha, e nesse dia, a filha da senhora deixou os remédios separados porqueela sabia que eu não sabia ler, só que ela estava com pressa e deixou o remédio errado, e como eu não sabia ao certo e não conseguia ler, eu dei, e a senhora passou muito mal; fiquei desesperada, liguei para a filha e chamei o vizinho, que chamou o Samu. Nesse dia, percebi o perigo que era ficar sem ler e escrever; pedi demissão porque me senti muito culpada por não ter percebido o erro. Eu sei que tenho muita dificuldade. Tem coisas que eu gravo e coisas que eu esqueço.Aí vim embora por causa disso, porque aqui em Cabrália eu já estava adaptada em tudo, já sabia tudo.Aí eu vim em 2010 e logo comecei estudar, mas não terminei, tive que desistir porque tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo e não estava conseguindo, porque quem dava as coisas para meus filhos era eu.Eu era pai e mãe dos meus filhos, então eu tinha que dar roupa, sapato; às vezes eu chegava muito tarde, chegava muito cansada, aí não dava pra estudar, então eu saí.
> Depois que conheci esse meu marido, voltei a estudar, porque, como já falei, ele me incentiva, mas acho que eu tenho algum problema,porque eu esqueço tudo.Hoje, o que eu sei fazer, o que eu aprendi, eu agradeço muito a Deus e a esse marido meu, ele que sempre me ensinou em casa fazer meu nome,porque hoje ainda tenho que pedir para os outros lerem para mim e ainda fico dependendo dos outros. Meu sonho é aprender ler.Pra mim, é meio complicado e difícil, mas eu falo que é muito importante ter o estudo pra gente, então eu agradeço muito às professoras que tem muita paciência comigo.Quero ainda ler e escrever para fazer minhas coisas só, sem precisar ficar incomodando os outros (Patrícia caldas Silva Santos, 2021, entrevista).

Fazendo uma releitura do que foi narrado, percebemos que os sujeitos dessas histórias são frutos de todo tipo de desigualdade social, por serem pobres, negros, analfabetos, com famílias numerosas e que tiveram que adentrar precocemente ao mundo do trabalho.São pessoas que pularam etapas e que buscam,agora,retornar aos bancos escolares,realizando o desejo de ler e escrever. Através das narrativas,esses estudantes revivem e verificam qual o seu papel como sujeito, analisam aquilo que viveram e promovem modificações daquilo que não mais lhe servem, além de adaptar-se a uma nova realidade a partir de suas experiências e aprendizagens da vida.

Freire (1980) nos faz refletir que nada sobre a sociedade, a cultura, a leitura, a escrita ou a alma humana é simples; nada acontece "naturalmente", na história de vida do sujeito, sendo assim o aluno da EJA é desafiado pelas circunstâncias a refletir sobre sua ação esobre o contexto em que está inserido. Ele constrói e reconstrói sua trajetória,fazendo históriae produzindo cultura. E ao produzircultura ehistória, o aluno (a) da EJA produz vida, como indivíduo e como membro de uma sociedade. Assim como nos relatos dos parceiros dessa pesquisa, Paulo Freireafirma quecomo um ser inserido no mundo (e não simplesmente adaptado), o homem realiza-se pelo seu sonho e é através do seu sonho que produz sua

história. E no caso dos alunos entrevistados a palavra sonho aparece o tempo inteiro, pois todos relatam o sonho de ler e escrever. Para tanto sonharde acordo com Freire não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo. Faz parte da natureza humana, que dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. (FREIRE, 1996, p.31).

A história de vida é então vista aqui como possibilidade, da alfabetização,e essa encontra no sonho a matéria-prima de sua realização: o sonho é o motor da história. Daí a importância da educação, que não podendo tudo, pode alguma coisa (FREIRE, 1980).

As entrevistas com esses parceiros nos convidam a assumir uma conscientização de ensinar o conteúdo sem deixar de lado o dialogo, o sonho e nem as vivencias dos alunos da EJA, sendo essa uma visão necessária a qualquer projeto de construção de uma realidade diferente, menos feia, menos preconceituosa, mais justa e solidária. Não há mudança sem sonho, assim como para nossos parceiros não há sonho sem esperança.

Nesse sentido, no próximo capítulo, farei algumasreflexões de alguns trechos dashis--tórias de vida aqui contadas, tentando compreender o porquê essas pessoas não foram alfabetizadas enquanto criança.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Como explicitado acima, neste capítulo, apresento a análise das narrativas dos parceiros e, em seguida, o produto final, sendo que os dados estarão dispostos em três seções. A primeira aborda o porquê os alunos entrevistados não estudaram na infância, relacionando com a questão social deles. A segunda traz a questão degênerodesses alunos, abordando as adversidades proporcionadas pelas experiências vividas, por serem mulheres negras e não alfabetizadas. Por fim, a terceira seção apresenta uma nuvem de palavras que agrupa as palavras e as organiza graficamente, em função da sua frequência. É uma análise lexical mais simples, porém graficamente interessante, para demonstrara importância da escola e osentidode ser alfabetizado para os parceiros da pesquisa. Para a confecção da nuvem, usamos o *WordClouds.com,software* gratuito e com fonte aberta, que permite gerar nuvens de palavras *online*.

3.1Categoria Social

Entendemos que os alunos da EJA, são aqueles que não concluíram o ensinona educação básica quandoera criança ou adolescente e,por esse motivo,tiveram uma inserção no meio social fragilizada, sendo que uma boa parte dessaspessoasadentraramem processos de extrema fragmentação da vida social, a tal ponto quemuitos passaram da zona de vulnerabilidade para a de indigência. A história da educação de adultos não nos deixamentir (PAIVA, 1987):sãopessoas que foram propositalmente excluídas das políticas públicas e da sociedade, vítimas de uma sociedade excludente, onde tiveram que trabalhar muito cedo para manter seu sustento e, por consequência,tiveram seu direito ao estudo negado quando criança.

"O porquê você não estudou quando era criança?"foi à primeira pergunta que fiz quando iniciei as entrevistas com os 6 parceiros desta pesquisa.O que chamou a atenção é que todas as respostas foram parecidas:

> [...] Durante minha infância eu fui criada pela minha avó, a gente morava na roça e minha avó não tinha condição de me colocar na escola (Ana Lucia Batista, 2021, entrevista.).
> [...] Na época que éramos crianças, meu pai trabalhava como empregado de fazenda e sempre quando estávamos estudando uma semana ou duas, meu pai saia de uma fazenda para outra pra não ficar desempregado e muitas vezes quando chegava lá não havia escola, a gente ficava sem estudar(Edna de Jesus Cardoso, 2021, entrevista).
> [...] fomos morar então na roça perto do brejinho, lá era muito longe pra vim para a escola a pé porque não tinha transporte, minha mãe até matriculou a gente mais era muito longe pra ir a pé todos os dias(Joel Ramos Silva Filho, 2021, entrevista).
> [...] eu fui uma pessoa criada na roça, meus pais moravam na roça e eles nunca tiveram condição de levar a gente para a cidade pra estudar, tanto que aqui em casa ninguém sabe ler(Lúcia Pereira da Silva, 2021, entrevista).
> [...] Eu não estudei quando era criança porque na verdade a gente morava na roça, meus pais não tinham condições de trazer a gente para a cidade estudar era longe, era distante, tinha que ir a pé e voltar a pé (Maria José de Souza Dória, 2021, entrevista).
> [...] a gente morava na roça e não tinha condições de estudar, era muito longe pra a gente ir, a gente às vezes tinha que ter animal pra ir, pra ir a pé não dava porque era longe(Patrícia Caldas Silva Santos, 2021, entrevista).

Percebemos com esses relatos que o fato dos sujeitos da EJA nãoterem frequentado a escola quando criança não é somente uma questão etária, mas, primordialmente, está ligado a uma especificidade sócio-histórico-cultural (FERRARI, 2011). "Homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem à mesma classe social" (BRASIL, 2006, p. 15), são pessoas de baixa renda e que precisavam quando criança trabalhar para ajudar em casa.

Vivemos em uma sociedade que para tudo que fazemos em nossa rotina se faz necessário o conhecimento da escrita e da leitura.Para se tomar um ônibus, por exemplo, é

preciso identificá-lo; para fazer compras, também tem que conhecer os números, contudo, na falta desse conhecimento, essealuno pode se sentir excluído, como afirma Patrícia em seu relato:

> [...] às vezes eu saia de outros trabalhos por causa de não saber ler, para chegar no trabalho tinha que pegar o ônibus, e passei muita vergonha porque pra pegar um ônibus sem sabe ler numa cidade grande com vários ônibus, precisava ficar perguntando as pessoas e tinha gente que ajudava e outros que não ajudava (Patrícia Caldas Silva Santos, 2021, entrevista).

Esse relato deixa claro que os alunos que hoje frequentam a EJA são sujeitos que foram, em algum momento de sua vida, marginalizadospelo mundo letrado, dificultando sua participação ativanas questões culturais, sociais e políticas dessa sociedade eurocêntrica e excludente. São pessoas que assim como Patríciamigraram do campo ou do interior para as grandes cidades na expectativa de uma melhoria de vida,mas ao adentraremnessa nova realidade, descobrem que o mercado de trabalho impõe que para desempenhar determinadas funções é preciso ter uma qualificação profissional. Sendoassim, sem opção, se vêem obriga--dosa aceitar funções muitas vezes exploratórias e com salários inferiores.

Observamos, também, com as entrevistas, que há casos em que a aluna já tevecontato com a escola em uma fase de sua vida e que por não saber ler desiste e sente vergonha em retornar para a escola ou não consegue conciliar o horário para realizar o ingresso na modalidade de ensino regular, optando pela inclusão na EJA. Maria José relata essa situação:

> [...] só quando eu fiquei adolescente é que fui matriculada, mas como eu era muito atrasada em relação aos colegas da minha idade, eu ficava com vergonha e eu lembro de muitas vezes que ia para escola só para brincar e não me dedicava nos estudos. Pra falar a verdade eu não sentia vontade de estudar quando era criança e quando fui adolescente eu só ficava namorando e a escola naquele momento não me fazia falta, eu só fui perceber o tempo perdido quando já estava adulta e precisei sair para trabalhar (Maria José de Souza Dória, 2021, entrevista).

Em relação ao trabalho, esse é um dos grandes impulsionadores para a desistência da escola para os alunos jovens e adultos, pois eles precisam sustentar suas famílias. Por esse motivo,a maioria dos alunos optam pelo emprego em detrimento da escola.Eles percebem a importância da escola para um trabalho melhor, mas sua condição financeira não permite, muitas vezes, estudar e trabalhar, como nos conta Patrícia:

> [...] logo comecei estudar, mas não terminei tive que desistir porque tinha que trabalhar e estudar ao mesmotempo e não estava conseguindo, porque quem dava as coisas para meus filhos era eu, eu era pai e mãe dos meus filhos, então eu tinha que dar roupa, sapato, às vezes eu chegava muito tarde,

> chegava muito cansada aí não dava pra estudar então eu sair (Patrícia Caldas Silva Santos, 2021, entrevista).

Nessa direção, faz-senecessário trazer as reflexões de Arroyo (2007). De acordo com oautor, para os indivíduos que se ocupam apenas com a vida escolar, é possível aprender de forma rápidae corresponder aos tempos escolares. Assim, para esses sujeitos é bem mais fácil frequentar a escola, se adequar aos espaços-tempos e rotinas estabelecidos pelas instituições escolares. Para os alunos e alunas da EJA é mais difícil, uma vez que a maioria necessita lidar diariamente com as várias ocupaçõese dificuldades da vida que, inevitavelmente, consomem o tempo que poderia ser dedicado somenteà escola. Dessa maneira, as formas de aprender na EJA necessitam ser diferenciadas e reinventadas, para quem não tem o total controle do seu tempo, como é o caso dos nossos parceiros e da maioria dos educandos que frequenta as escolas de EJA. “Lembremos que muitos dos educandos da EJA chegam com percursos truncados pela dificuldade de articular tempos de sobrevivência e tempos de escola” (ARROYO, 2007, p. 13).De modo geral, os alunos e alunas entrevistados nesta pesquisa sinalizam que a situação social vivida fora do ambiente escolar tende a ampliar os desafiospa--ra o retorno aos bancos escolares, assim como Joel relata:

> [...] eu consegui um emprego numa empresa fiquei três anos e sofri um acidente de trabalho que machucou meu braço e tive que parar de trabalhar, foi quando eu fui encostado pelo INSS e para não ficar em casa e aumentar a renda para criar meus filhos eu comecei a vender coisas na rua, vendo pipoca no carrinho e nas festas vendo bebidas. E com tudo isso que aconteceu em minha vida a Escola foi ficando de lado (Joel Ramos Silva Filho, 2021, entrevista).

Mais uma vez, percebemos que a escola vai ficando de lado, pois a sobrevivência fala mais alto. O desemprego no Brasil atinge, hoje, a sua maior taxa com a pandemia.Existiam 14,8 milhões de desocupados, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no primeiro trimestre de 2021. Esse público desempregado ou desocupado se refereàs pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos), que é também o público que frequenta a EJA que não está trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho, mesmo que isso venha atrapalhar seus estudos.

Como já foi explicado ao longo do texto, o intuito, nessa seção, era o de analisar as situações sociais vividas pelos/as participantes desta pesquisa que o impediram de estudar quando eram crianças. Desse modo, os depoimentos aqui analisados, além de reafirmarem o que outras pesquisas já apontaram, que não é fácil estudar ou ter acesso a escola quando se é pobre e mora na roça, ressaltam também o quanto, para eles, “a vida quotidiana está cheia de situações insólitas e desconcertantes” (PAIS, 2003, p. 13), oriundas, sobretudo, da falta de um

trabalho fixo e da interação social que vai sendo, inevitavelmente, estabelecida ao longo da trajetória escolar.

3.2 Categoria de Gênero

Embasado no que estudamos na história da Educação de Jovens e Adultos, vimos que a sociedadebrasileiradefiniua EJA por muito tempo como uma modalidade de ensino voltada somente a adultos analfabetos. No entanto, hoje sabemos que a realidade da EJA é outra.O adulto, jovem ou idoso que chega à EJA já não é somente o analfabeto, uma vez que a realidade e a nossa pesquisacomprovam que nessa modalidade de ensino se fazem presentes jovens e adultos com diferentes histórias de vidas e motivos que os levaram a não frequentarem a escola enquanto criança. O que há em comum entre eles é justamente o fato de que, por um motivo ou outro, todos foram excluídos da escola e, em sua grande maioria, sãotrabalhadores e trabalhadoras.

É nesse contexto que entra a questão do gênero na EJA, especificamente nas histórias de vida dos parceiros dessa pesquisa, uma vez que 5 dos 6 entrevistados neste trabalho são mulheres. A questão da diversidadese apresenta quando a aluna que é mãe e domestica vem para EJA aprender uma receita; ao mesmo tempo, vem o adolescente que foi transferido do diurno por mau comportamento; o jovem que quer um emprego melhor; ou ainda o trabalhador que precisou se qualificar um pouco mais para não perder o seu emprego. Porém, a diversidade ainda é muito mais ampla do que pensamos, principalmente quando levamos em conta a história da EJA e as vivências de cada um destes educandos.

Como falado anteriormente, o próprio distanciamento etário corrobora com a diversidade da EJA.Além disso, temos as questões de gênero, valores pessoais, culturais, a violência e outras particularidades que divergem este fenômeno educativo.

Os estudantes jovens, adultos e idosos são sujeitos que possuem lugares sociais, de raça, de gênero e de orientação sexual diversos. E essas diferenças tecem marcas nas suas histórias de vida.

No que se refere à relação de gênero, este éalgo que também demarca a diversidade na EJA. Muitas vezes, em função do trabalho doméstico e da maternidade precoce, que aparece com muita ênfase nas histórias relatadas nesta pesquisa, à mulher acaba não conseguindo ir à escola ou, quando vai, suas chances de evasão são maiores do que no caso dos homens, uma vez que elasestão submetidas ao trabalho de cuidar da casa e dos filhos.Além de serem

trabalhadoras também fora de casa, elas acabam preferindo os outros afazeres do que estudar, como relata Maria José de Souza Dória:"[...] Depois me casei e tive minha filha e aí é que pensava que a escola não fazia mesmo parte de minha vida, mas meu marido sempre me incentivava, só que eu sempre arrumava uma desculpa para não me matricular".

No caso de Maria José, ela escolheu não ir para a escola, pois seu marido a incentivava.Nos relatos de Ana Lucia e Lucia, essa situação é contraria: ambas queriam ir, mais seus companheiros as proibiam:

> [...] quando eu fiz 14 anos eu conheci um homem que se interessou por mim e eu fui morar comele, minha avó e meu tio não queria esse relacionamento porque ele era mais velho, mais eu pensei que minha vida iria melhorar, que eu iria sair da roça e iria estudar, foi quando eu fui com ele para uma cidade que não lembro o nome, fiquei oito anos lá foi um lugar que sofri muito, tive quatro filhos desse homem sofri bastante, ele me batia, não deixava eu estudar, eu pensei que não ia sobreviver de tanto sofrimento que eu passei (Ana Lúcia Batista, 2021, entrevista).
> [...] conheci meu ex-marido, eu estava com a idade de 15 anos ele me judiava muito, apanhava muito, não me deixava ir para a escola, eu ficava presa, depois que fiquei 12 anos com ele, larguei ele e tornei a arranjar outro, foi o mesmo sofrimento, ele também não me deixava estudar (LúciaPereira
>
> da Silva, 2021, entrevista).

Esses relatos são tristes, porém reais.A situação das mulheres, no mundo todo, é preocupante, apesar da cultura de cada país. Sabemos da rigidez de costumes que obrigam mulheres a cobrir todo o rosto e corpo, como nos países muçulmanos; a submissão de mutilação genital, como em alguns países africanos; práticas de aborto de fetos do sexo feminino, por preferência social por filho homem, como acontece na China.Apesar de toda questão cultural nessas situações, isso nos faz perceber como são adversas as condições que as mulheres têm de sobrevier e criar seus filhos. No Brasil, os índices de estupros, violência doméstica e feminicídio mostram que estamos muito distantes da sonhada igualdade de gênero. O relato de Lucia evidencia essa violência sofrida por ela:

> [...] fiquei grávida aos 11 anos e não tive mais infância e nem condição de estudar, foi muito triste o que aconteceu com minha história, acontece que eu fui vendida, naquela época a gente passava muita necessidade e fui vendida pela minha irmã para um caminhoneiro, ele me estuprou e fiquei grávida,quando ele descobriu que eu estava grávida me jogou na rua e então fui morar na rua durante minha gravidez, não conseguia voltar para casa pois eu não sabia nem onde estava, e tive essa criança na rua com ajuda de umas pessoas que também eram moradores de rua e ela ainda viveu por três meses, mas eu não sabia cuidar e morreu, depois disso fiquei muito triste por um tempo (Lúcia Pereira da Silva, 2021, entrevista).

Apesar de sua admirável resistência como mulher, de toda a pesquisa, esse depoimento de Lucia foi o mais difícil de ser ouvido.No momento que ela contou, não conseguimos segurar as lágrimas e mais uma vez mostrou como as mulheres pobres e negras precisam superar situações de violência diariamente, sendo que as discriminações de gênero e sexual ocorrem em todas as classes sociais, quando as mulheres são as maiores vítimas de violência – física, psicológica, moral e sexual (ARAÚJO, 2007).

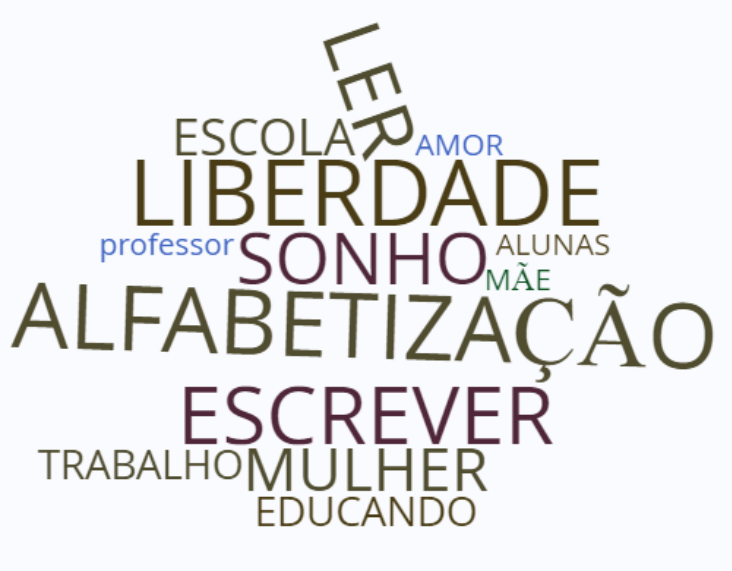
Além disso, o que também nos aflige é perceber que na educação essa situação da violência contra as mulheres não é diferente.De acordo com o IBGE (2020), a maioria dos(as) educandos(as) da EJA são mulheres, representandomais de 50%, o que significa que também são aquelas que mais foram excluídas do processo educacional, principalmente as de classes populares, que tiveram que cuidar dos filhos e trabalhar em condições de exploração para sustentá-los. Sobre isso, Araújo (2007) afirma:

> Por sermos uma sociedade patriarcal, a educação para as mulheres não era uma prioridade. No período colonial elas foram completamente excluídas das poucas escolas existentes, e apesar do aumento da oferta educacional com a vinda da família real ao Brasil e na Independência, ao sexo feminino coube apenas à educação primária, com currículo escolar de forte tendência moral e sócia, voltado para o fortalecimento do papel da mulher enquanto mãe e esposa (ARAÚJO, 2007, p. 130).

Essa citação, bem como as narrativas das cinco estudantes e até do estudante Joel, que conta como o papel feminino foi importante em sua trajetória,nos mostra que a questão do gênero está direcionada ao modo como nossa sociedade constrói representações sobre o ser homem e o ser mulher, pressupondo ser naturalmente estabelecidas. Tais construções sociais repercutem no processo educacional, no ingresso e permanência dos indivíduos na escola, influenciando nas histórias de vida e independência psicológica e material. Além de terem sido privadas de uma educação de qualidade durante muitos anos, as mulheres estiveram completamente atreladas a uma moral patriarcal, que culpabilizava aquelas que almejavam outras perspectivas para além do casamento e da maternidade como projeto de vida.

3.3 O Significado da Alfabetização para os Alunos da EJA – Nuvem de Palavras

Figura 7:nuvem de palavras:



Fonte:elaborada pela autora (2021).

Optamos por iniciar essa seção com uma nuvem de palavras, também conhecida como nuvem de *tags* ou texto, representação visual da frequência e do valor das palavras, usada para destacar com que frequência um termo ou categoria específica aparece em uma fonte de dados.A nuvem ilustra a relevância das palavras que mais apareceram nos relatos dos nossos parceiros.Observandoa nuvem, percebemos que as palavras que aparecem com maior ênfase em todas as narrativas são “alfabetização”, “ler”, “escrever” e “liberdade”, pois, de acordo com os alunos entrevistados, esses são os objetivos do retorno deles para a escola.

> [...] foi quando a vontade de estudar ficou maior por que eu via todo mundo
>
> na igreja lendo a Bíblia e eu tinha um desejo de ler a Bíblia, eu tinha esse sonho, eu não vou mentir, não tenho vontade de me formar e sei que também não vou consegui, queria mesmo era pegar a Bíblia e ler, entender e explicar (Ana Lúcia Batista, 2021, entrevista).
> [...] aprendi a fazer meu nome e logo fui fazer outra identidade, agora com meu nome assinado. Foi um momento tão feliz da minha vida, escrever sozinha meu nome (Edna de Jesus Cardoso, 2021, entrevista).
> [...] por isso que eu voltei a estudar, porque a pessoa sabendo ler muito é bom, pra também não ficar dependendo dos outros e isso que eu quero, eu quero com fé em Deus aprender (Joel Ramos Silva Filho, 2021, entrevista).
> [...] hoje estou estudando e só quero sair de lá lendo e escrevendo, equero escrever no meu livro que “ninguém nunca deve perder a esperança (Lúcia Pereira da Silva, 2021, entrevista).
> [...] Hoje sei o quanto a escola é importante porque na verdade a gente quer ler e escrever pra não ter dificuldade em pegar um carro pra Porto Seguro, porque lá adiante vai ter uma placa e agente pode ler e se localizar, pode achar o endereço só, sem perguntar a ninguém se sente útil (Maria José de Souza Dória, 2021, entrevista).
> [...] Meu sonho é aprender ler, pra mim é meio complicado, e difícil, mas eu falo que é muito importante ter o estudo pra gente, então eu agradeço muito as professoras que tem muita paciência comigo, quero ainda ler e escrever

> para fazer minhas coisas só sem precisar ficar incomodando os outros (Patricia Caldas Silva Santos, 2021, entrevista).

Os depoimentos acima nos fazem refletir sobre qual é o sentido da alfabetização para os sujeitos desta pesquisa.Eles buscam autonomia, liberdade de ir e vim sem depender de outros. Os alunos da EJA possuem expectativas em relação a sua aprendizagem. Mais do que o saber letrado, eles desejam independência, inclusão, socialização, ou seja, tudo que os tirem da situação vulnerável em que se encontram.

> Não existe educação sem liberdade; a liberdade de criar, de propor o quê e como aprender, herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo os seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lançando-se no domínio da história e o da cultura. (FREIRE, 1979, p.53).

Os alunos entrevistados procuram, na realidade, com suas histórias de vida ressaltar o quanto o retorno à escola e, principalmente, à alfabetização foi e é significativa em suas vidas. Percebe-se, sobretudo, que a condição de estudante da EJA os possibilitou à ampliação de velhos projetos de vida. O medo e até mesmo a vergonha de estudar, devido à idade avançada, transformou-se no desejo de ler e escrever,o que seria, para muitos, a realizaçãode um sonho.

3.4 O Produto Final

A primeiraideia de produto final desta pesquisa era somente uma sequência didática, levando em consideração a palavra geradora, método do educador Paulo Freire, que se preocupa, essencialmente, com a alfabetização de adultos. Acredito que até seria interessante, mas sentia que faltava algo e que construir uma sequência didática sem um tema ficaria sem sentido. Esse foi o primeiro ponto para a mudança do produto final, bem como para todo o rumo do trabalho.

O segundo ponto foi o fato de,enquanto professora da EJA na turma de alfabetização, não ter ficado com a disciplina de português no momento da divisão de matérias a serem trabalhadas com as turmas no ano de 2020.Por força maior, tive que ficar com as disciplinas de história, geografia e ciências, o que no primeiro momento me trouxe angústias e preocupação, pois me parecia mais fácil trabalhar o produto final da pesquisa na disciplina de português.

Foi quando tive a ideia de fazer uma aula, na qual os alunos falassem um pouco sobre sua vida.Ouvindo seus depoimentos, percebi que existia tanta informação que poderia ser

trabalhada em sala e imaginei que poderia aproveitar o momento dos relatos e pesquisar as histórias de vida dos alunos da EJA das minhas turmas de alfabetização. No primeiro momento, fiquei preocupada em começar do zero, questionando-me: como mudar tudo? Mas depois percebi que seria um caminho difícil a trilhar, porémcom muitas descobertas.Apaixonei-me pela proposta, conversei com os alunos e seis deles aceitaram contar suas histórias e fazer essa pesquisa acontecer.

Para que esse materialtão rico não ficasse apenas nas páginas desta dissertação, resolvemos, como produto final, construir um livro digital ilustrado, com o título "Nossas Histórias: Trajetórias de vida na EJA", trazendo as histórias de vida dos alunos parceiros desta pesquisa, uma vez que trazer à luz histórias de pessoas comuns, que, por variados motivos, se afastaram da escola e, agora, encontram na EJA a oportunidade de crescer e trilhar novos caminhos, pessoais e profissionais, é fonte de inspiração e motivação para outros alunos que vivem ou viveram histórias de vida parecidas com as relatadasno nosso livro. Além disso,sugerimos uma sequência didática (Apêndice B) que pode ser trabalhada com muitas palavras geradoras retiradas das histórias,mesmo porque os relatos trazem um entrelaçar de histórias que se cruzam, sendo que as histórias de vida se misturam com outras vidas e com outras histórias, são histórias de livros que refletem histórias de vida e histórias de vida resgatadas a partir de histórias de livros. E ao narrarem suas histórias de vida, os alunos da EJA se percebem como sujeitos ativos e refletem sobre os fatos narrados, contribuindo, assim, para construção e reafirmação de suas identidades, além do resgate da autoestima e de uma nova visão de mundo.

O fato de o livro ser digital facilita sua divulgação e acesso, mas a pretensão é construirum material impresso para ser disponibilizado na biblioteca do Colégio Professora Nair Sambrano Bezerra, sede da pesquisa,tornando, assim, esse produto final um material pedagógico complementar ao trabalho do professor da EJA, podendo ser utilizado como recurso didático em diversas disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização destapesquisa, muito aprendi, muito chorei e muito ficará em minha memória.Sei que algumas coisas não dei conta de fazer por causa da pandemia, da troca de orientação e de alguns problemas pessoais, aexemplodo recorte étnico-racial, tão importante para o aprofundamento da pesquisa, mas tenho em mente que logo darei

continuidade a essa temática, seja para publicação deste trabalho ou para ingressar em um doutorado.

Nos relatos dos parceiros desta pesquisa, percebemos que sem a alfabetização, sobreviver foi o foco desses sujeitos, que desde cedo tiveram que trabalhar para sustentar suas famílias. Algumas histórias são tristes, porém,por meiodelas, entendemos que a escola ainda possui um importante papel na vida desses estudantes que retornaram aos bancos escolares com brilhos nos olhos e esperança de uma vida melhor. Para Freire (1996, p.80) “a esperança é um condimento indispensávelà experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo”.

Através da escuta das histórias de vida, concluímos que os estudantes pesquisados não se envergonham ou se lamentam de suas vivências, sejam elas cheias de privações ou violência; ao contrário, mostram-se fortes para enfrentar o novo, adentrar o ambiente escolare buscar ser alfabetizados; sentem-se e são capazes de aprender o que a escola tem a ensinar. É notório que trazem marcas da vida, o que acreditamos que os tenha fortalecido e faça com que se superem a cada dia, pois, apesar do tempo “tardio”, buscam realizar o sonho de ler e escrever.

Verificamosnesta investigação que o motivo maior para os sujeitos pesquisados não terem estudado enquanto criança foi à realidade socioeconômica que fez com que eles abandonassem a escola, ou nem mesmo frequentassem uma, para trabalhar na roça e ajudar em casa; pularam etapas importantes da escolarização, mas também aprenderam muito, porque a vida é um lugar de aprender, mesmo que,às vezes, de forma dolorosa. Em nossoentendimento, retornar àescola na idade adulta é uma decisão muito importante e desafiadora, é a prova de que esses indivíduos venceram e quebraram barreiras, superaram os medos e mantiveram a esperança. Nesse sentido, mais uma vez, a palavra esperança aparece aqui e é entendida como algo que nos move como aprendizes, como afirma Freire (2000, p. 11): “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança como necessidade ontológica, se desafora, se desendereça, e se torna desesperança”.

Com base nos depoimentos, percebemos que um dos motivos do retorno a escola é a necessidade de melhorar a vida, de um emprego melhor, de fazer parte do mundo letrado e ter autonomia, além do resgate do tempo perdido. É uma grande oportunidade, mesmo que “tardiamente”, de aprender e conviver, de participar ativamente da sociedade. Foi nesse contexto que essa pesquisa se inspirou em Paulo Freire pois seu método de alfabetização é de caráter multidisciplinar, através do dialogo, da luta, da resistência, defendendo a necessidade

de se criar um material didático de ensino a partir das experiências de vida dos alunos analfabetos, rompendo com a visão tradicional de ensino.

Identificamos em nossa pesquisa que os constrangimentos da não alfabetização reforçam o constrangimento de ser negro, pobre, mulher, de ser do campo, moradores das periferias. Assim, os constrangimentos são, na verdade, uma expressão da brutalidade das relações de classe, de raça/etnia, de gênero e se colocam muito mais a frente de questões psicológicas ou comportamentais.

Assim como expostono início deste texto, entendemos que essa pesquisa não se encerra aqui e que através dela outras histórias podem ser contadas, porém esperamos com este trabalho contribuir, ampliando os conhecimentos acerca do público da EJA, de modo que as histórias de vida aqui contadas e transformadas em livro digital como produto final dessa pesquisa, venha motivar e incentivar outros alunos da EJA a não desistirem da busca pela alfabetização, pois esse é um direito conquistado por muita luta e deve ser cumprido, e que possibilite, ainda, um despertar do professor para ouvir seus alunos e suas histórias de vida.

Por fim é importante destacarmos que os alunos que frequentam a EJA nos dias de hoje, não são mais aqueles de décadas atrás. Eles almejam um ensino critico e significativo que atenda as suas reais necessidades e que seja ao mesmo tempo inovador, interessante contemplando suas vivencias e fornecendo subsídios para que os mesmos modifiquem sua realidade. Portanto o fato de ter elaborado um livro digital com as histórias de vida dos parceiros e ter sugerido um modelo de sequência didática como produto final, pode contribuir muito com a aula do professor, mas não quer dizer que ele terá tudo pronto e acabado, ao contrario ele precisará construir junto com o aluno algo significativo contemplando o conhecimento prévio e o presente de forma que o aluno “viva” e não somente freqüente a escola com o único objetivo de aprender a ler e escrever, ele precisa aprender também a ter visão de mundo.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (coord.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ARAUJO, R. R. Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra. In*:***Anais**. Reunião anual da ANPED, 30, 2007, Caxambu. Caxambu: Anped, 2007. p. 1-14.

ARROYO, M. A educação de Jovens e Adultos em tempo de exclusão. In:**Construção coletiva: contribuição à Educação de Jovens E Adultos**. Brasília: MEC/UNESCO, 2008.

_____. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares? In:**Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, ago. 2007. Disponível em: http://www.reveja.com.br/revista. Acesso: 22 maio 2021.

_____..**Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2014.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M.(Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional:uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Pioneira, 1999.

BEHRENS, M. A. **Formação continuada de professores e a prática pedagógica**. 3 ed. Curitiba: Champagnat, 2014.

BELLAN, Z. S. **Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante**. São Paulo: SOCEP, 2005.

BOGDAN, C. R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria a aos métodos**. Trad. Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto, 1994.

BOJE, D.M. Storiesofthestorytellingorganization: a postmodernanalysisof Disney as "Tamara-Land". In: **The Academyof Management Journal**, v. 38, n. 4. p. 997-1035.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. C. In: BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

_____. **Gestão de políticas em gênero e raça/GPP – GeR: módulo II e VI**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as mulheres, 2010.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. DF: Presidência da República, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

CAMPOS, F. A. **Trabalho e consciência de classe: a história de Dona Antônia e Dona Maria na luta pela terra**. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

CARVALHO NETO, S. **Santa Cruz Cabrália: cinco séculos de história**. Santa Cruz Cabrália: STC Edições, 2004.

CHAUÍ, M. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

DEMO. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____.**Ação cultural para a liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação e mudança**. Trad. de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. In: **Revista Diálogos**: pesquisa em extensão universitária, Brasília, v. 18, n. 1, 2012.

_____. **História das Ideias Pedagógicas**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1996.

GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 13. ed. São Paulo: Cortez Instituto Paulo Freire, 2016.

GOODSON, I. F. **Studyngteacher'slives. anemergentfieldofinquiry.** N. York: TeachersCollege Press, 1992.

HAIDT, R. C. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. 8. ed. São Paulo, 2015.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/josso.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

MARRE, J. L História de Vida e Método Biográfico. In: **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, UFRGS, v.3, n. 3, jan/jul. 1991, p.89-141. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v28n1/v28n1a11.pdf. Acessado em: 19 nov. 2020.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MORIÑA, A.. **Investigar conhistorias de vida: metodologia biográfico-narrativa**. Madrid: Narcea S.A de Ediciones.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, Ibrades, 1987.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. In: **Serviço Social em Revista**, v. 2, n. 1. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em 23 jan. 2020.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, MichèleHudon e ClareBeghtol**.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. 123 f.

RIBEIRO, V. M. M. **Educação de jovens e adultos:ensino fundamental proposta curricular**. 5. ed. São Paulo: Ação Educativa. 2017.

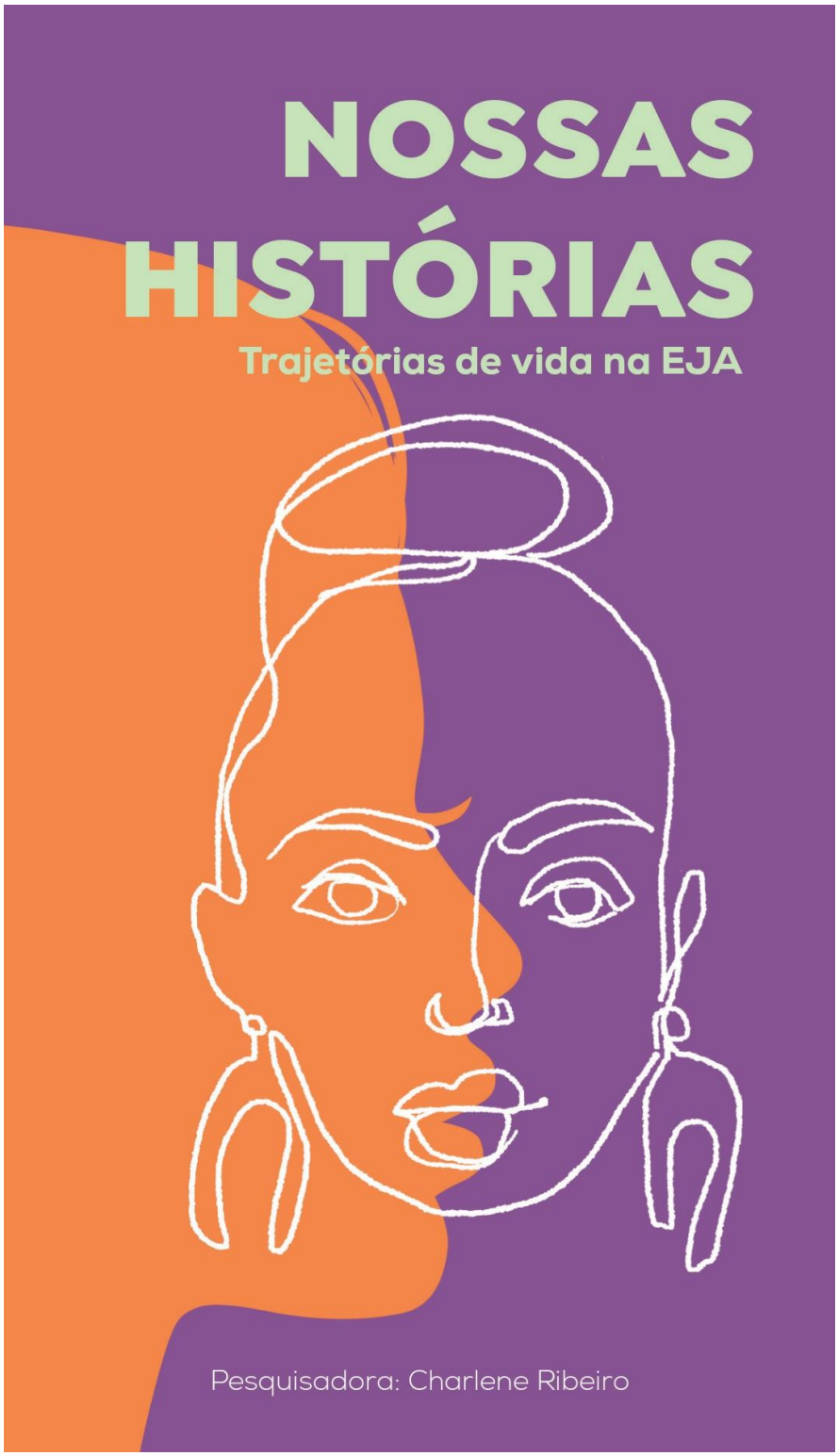
RYBCZYNSKI, E. **MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização: o ensino da ditadura**. Disponível em: http://www.saopaulominhacidade.com.br/ historia/ver/9064/Mobral. Acesso em: 17 fev. 2020.

SILVA, A. P.; et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. In: **Revista Mosaico**, Belo Horizonte, UFMG, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em:

https://periodicos.ufmg. br/index.php/mosaico/index.php/mosaico/article/view/6/4. Acesso em: 17 mar. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A:capa doLivro “Nossas Histórias: trajetórias de vida na EJA”.



APÊNDICE B: Sequência didática EJA – com histórias de vida dos alunos e a palavra geradora.

INTRODUÇÃO AO PROFESSOR(A)

A Sequência Didática, é conhecida como SD, é usada paraorganizar, metodologicamente, de forma sequencial, a execução das atividades apresentando um tema, no caso da presente pesquisa usará as histórias de vida contadas no produto final intitulado: “NOSSAS HISTÓRIAS: Trajetórias de vida na EJA”.

AS PALAVRAS GERADORAS

O processo proposto por Paulo Freire inicia-se pelo levantamento do universo vocabular dos alunos. Através de conversas informais, o educador observa os vocábulos mais usados pelos alunos e a comunidade, e assim seleciona as palavras que servirão de base para as lições. A quantidade de palavras geradoras pode variar entre 18 a 23 palavras, aproximadamente. Depois de composto o universo das palavras geradoras, apresenta-se elas em cartazes com imagens. Então, nos círculos de cultura inicia-se uma discussão para significá-las na realidade daquela turma.

A SILABAÇÃO

Uma vez identificadas, cada palavra geradora passa a ser estudada através da divisão silábica, semelhantemente ao método tradicional. Cada sílaba se desdobra em sua respectiva família silábica, com a mudança da vogal. (i.e., BA-BE-BI-BO-BU)

AS PALAVRAS NOVAS

O passo seguinte é a formação de palavras novas. Usando as famílias silábicas agora conhecidas, o grupo forma palavras novas.

A CONSCIENTIZAÇÃO

Um ponto fundamental do método é a discussão sobre os diversos temas surgidos a partir das palavras geradoras. Para Paulo Freire, alfabetizar não pode se restringir aos processos de codificação e decodificação. Dessa forma, o objetivo da alfabetização de adultos é promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social.

1ª SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
DURAÇÃO: 2 SEMANAS
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
CONTEÚDO: INTERPRETAÇÃO DO TEXTO
INTERDISCIPLINARIDADE: HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PALAVRA GERADORA: VIDA

DESENVOLVIMENTO POR ETAPAS

1ª ETAPA:

O professor inicia a aula lendo uma história de vida do livro " Nossas histórias: trajetórias de vida na EJA". Em seguida pede que os alunos comentem a história de forma oral, questionando se eles se identificam com algum fato relatado na história. É importante destacar que o autor da história é um alunoreal da EJA.

2ª ETAPA:

Na sequência (a) o professor(a) escreve a palavra geradora VIDA no quadro e faz o levantamento do universo vocabular do grupo, trazendo outras palavras que estavam na história. Nessa fase ocorrem as interações de aproximação e conhecimento mútuo, bem como a anotação das palavras da linguagem dos membros do grupo, respeitando seu linguajar típico.

3ª ETAPA:

Em seguida, o professor deverá criar situações existenciais características da turma, neste caso, fatos ocorridos na história de vida que foi lida. Tratam-se de situações inseridas na realidade local, que devem ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais. O professor pode iniciar fazendo algumas indagações:

a) Qual o nome do estudante e idade?
b) Por que o(a) estudante não estudou quando era criança?
c) Porque ele/ela voltou para a escola?

4ª ETAPA:

A partir das indagações mencionadas acima, o professor poderá criar fichas que funcionam como roteiro para os debates, as quais deverão servir como subsídios, sem, no entanto, seguir uma prescrição rígida.

5ª ETAPA:

Após o debate, o professor deverá escolher palavras relacionadas a temática, seguindo os critérios de *riqueza fonética*, *dificuldades fonéticas* - numa seqüência gradativa das mais simples para as mais complexas, do comprometimento pragmático da palavra na realidade social, cultural, política do grupo e/ou sua comunidade.

Com isso, o professor deverá criar fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras. A seguir sugerimos o trabalho de decomposição com o exemplo "vida".

Apresentar a palavra e sua divisão silábica:

- **VIDA**
- **VI-DA**
- **V-I-D-A**

Em seguida apresentar a Ficha da Descoberta:

- **VA-VE-VI-VO-VU**
- **DA-DE-DI-DO-DU**

Com a ficha da descoberta, o professor deverá solicitar que os alunos formem palavras a partir das possíveis combinações silábicas: VIVA, DIVA,entre outras. Essas palavras poderão ser copiadas pelos alunos.

Recursos Educacionais

a) - História de vida
b) - Lousa, fichas, caderno

Avaliação

A avaliação é processual e contínua, devendo ser realizada oral e coletivamente, enfocando a dinâmica do grupo, identificando avanços e dificuldades.

O desempenho dos alunos durante a aula, a realização das tarefas propostas, as observações e intervenções do professor, a auto - avaliação do professor e do aluno serão elementos essenciais para verificar se as competências previstas para a aula foram ou não desenvolvidas pelos alunos.

Nesta aula o professor deverá avaliar não só a formação de palavras que os alunos conseguirão criar a partir das sílabas, mas, sobretudo, na participação dos alunos durante o

debate a respeito à História lida e sugerida, já que o método das palavras geradoras consiste, principalmente, na formação crítica da realidade dos adultos.

Sugestão de leitura para o professor e referência:

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

2ª SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
DURAÇÃO:2 SEMANAS
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
CONTEÚDO: LETRA MAIÚSCULA E MINÚSCULA, PONTUAÇÃO, PARAGRAFAÇÃO, MARGEM E SEPARAÇÃO DE PALAVRAS.
INTERDISCIPLINARIDADE: HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PALAVRA GERADORA: TRABALHO

Habilidades esperadas pelo professor

a) Expressar-se oralmente com clareza e objetividade.
b) Identificar aspectos sonoros da língua.
c) Conhecer o alfabeto e a representação escrita de cada letra identificando-as na formação das palavras
d) Ler, e reconhecer, textos variados e diferentes gêneros.
e) Produzir textos de vários gêneros, obedecendo às estruturas e os mecanismos de articulação da língua.

1° PASSO

Roda de conversa sobre as ocupações e ofícios dos alunos ressaltando a importância da mesma para a sociedade, apresentar a palavra geradora **TRABALHO. É interessante ler todas as Histórias de vida e destacar as profissões apresentadas pelos alunos pesquisados.**

TRABALHAR COM ACRÓSTICO COMA PALAVRA GERADORA “TRABALHO”.
(DAR DEFINIÇÃO E UMA ATIVIDADE DE ESTÍMULO A CRIATIVIDADE).

Os acrósticos são formas textuais nas quais a primeira letra de cada frase ou verso formam uma palavra ou frase. Podem ser simples, com frases ou palavras que não tenham ligação entre si ou podem mesmo ser o encerramento de uma poesia.

Exemplo:

- **V**erdes
- **I**guais
- **D**esejamos
- **A**mar

2º PASSO:

1. Pedir que os alunos escrevam na lousa seus acrósticos, depois posicionar a sala em círculo, destacando uma cadeira no centro.
2. Pedir para que cada aluno sente e comente sobre sua profissão, anotando as ferramentas de trabalho de cada um.
3. Fazer a comparação com as histórias de vida que foram lidas anteriormente.

3 º PASSO:

Trabalhar gramática usando as palavras que surgiram.

Exemplo:

Trabalhar substantivos primitivos e derivados. (conceitos e atividades)

DÊ O SUBSTANTIVO PRIMITIVO DAS PALAVRAS ABAIXO:

PEDREIRO:_____

PIPOQUEIRO:_____

PESCADOR:_____

VENDEDORES:_____

TRABALHADORES: _____

4º PASSO:

A partir da palavra “TRABALHO”, trabalhar sílabas complexas e encontro consonantal.

Também a partir da palavra “TRABALHO”, conceituar dígrafos e propor atividades.

Dígrafo é o encontro de duas letras que emitem um único som.

Exemplos: chapéu, piscina, carroça, descer, pássaro, mosquito, exceção, galinha, tampa, ponta, índia, comprimido e renda.

5° PASSO:

Com os relatos feitos na aula anterior confeccionar um painel com alguns alunos e suas respectivas profissões ou ocupações.

Exemplos:

ALUNA: Fulana

PROFISSÃO: “secretária do lar”

Considera-se empregado (a) doméstico (a) aquele (a) maior de 18 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante) e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Assim, o traço diferenciador do emprego doméstico é o caráter não econômico da atividade exercida no âmbito residencial do (a) empregador (a). Nesses termos, integram a categoria os (as) seguintes trabalhadores (as): cozinheiro (a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro (a), vigia, motorista particular, jardineiro (a), acompanhante de idosos (as), entre outras. O (a) caseiro (a) também é considerado (a) empregado (a) doméstico (a), quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa.

A Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, regulamentada pelo Decreto nº 71.885, de 9 de março de 1973, dispõe sobre a profissão do(a) empregado(a) doméstico(a), conceituando e atribuindo- lhe direitos. A Constituição Federal de 1988, por sua vez, concedeu outros direitos sociais aos (as) empregados (as) domésticos (as), tais como: salário- mínimo; irredutibilidade salarial; repouso semanal remunerado; gozo de férias anuais remuneradas com, pelo menos, 1/3 a mais do que o salário normal; licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias; licença-maternidade; aviso-prévio; aposentadoria e integração à Previdência Social.

ALUNA: Fulana

PROFISSÃO:dona de casa

Dona de casa é o termo, em direito do trabalho e previdenciário que define a mulher que, casada ou não, trabalha exclusivamente para a própria família, não exercendo atividade remunerada, ou esta não pode ser considerada habitual e principal.

A renda familiar provém do trabalho de outro elemento do núcleo familiar (o esposo, filhos, irmãos, etc). Dentre os trabalhos efetuados pela dona de casa, tem-se: manter a casa limpa e organizada, realizando esse trabalho pessoalmente, ou delegando essa tarefa a outra pessoa (normalmente, uma mulher); fazer compras para atender as necessidades da casa; preparar o cardápio e fazer as refeições da família; comprar e cuidar das roupas de todos os membros da família; supervisionar a educação dos filhos; organizar diversão para a família.

Legislação no Brasil

A profissão, no Brasil, é regulamentada pela Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, para fins de previdência social. A lei assegura-lhe alguns benefícios já garantidos aos demais trabalhadores, como aposentadoria por invalidez, por idade* e por tempo de serviço. Para fazer jus a direitos como auxílio-doença precisa ter no mínimo 12 meses de contribuição previdenciária; para receber o salário-maternidade, são necessários dez meses.

Ressalta-se que a aposentadoria por idade ocorre aos 60 anos; por tempo de serviço, após 30 anos de contribuição previdenciária.

ANEXOS

ANEXO A:EJA Matriz Curricular 2019**.**

Prefeitura Municipal de Santa Cruz Cabrália
Estado da Bahia

Dias Semanais: 05		**Carga horária semanal:** 20 horas			
Semanas letivas: 40		**Nº de Horas Aula/Dias:** 04			
Nº de dias letivos: 200		**Carga horária por aula:** 40 minutos			
Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares	**EJA I**		**EJA II**	
		I Etapa 1ª/2ª	II Etapa 3ª/4ª	III Etapa 5ª/6ª	IV Etapa 7ª/8ª
		Semanal	Anual	Semanal	Anual
BASE NACIONAL COMUM					
I. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	06	240	05	200
	Arte	01	40	01	40
	Língua Estrangeira Moderna - Inglês	-	-	02	80
II. Matemática e suas Tecnologias	Matemática	06	240	05	200
II. Estudos da Natureza e da Sociedade e suas Tecnologias	Ciências	03	120	03	120
	Geografia	02	80	02	80
	História	02	80	02	80
CARGA HORÁRIA TOTAL		20	800	20	800

Observações:

1. A Matriz Curricular entrará em vigor no ano letivo de 2019.

2. Estrutura do curso: Anual

ANEXO B:termos de autorização de uso de imagem e som de voz.

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Ana Lúcia Batista, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Stª Cruz Cabrália (BA), 15 de Janeiro de 2021.

Ana Lucia Batista

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Edna de Jesus Cardoso, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Stª Cruz Cabrália (BA), 13 de Janeiro de 2021.

Edna de Jesus Cardoso

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Joel Ramos Silva Filho, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Sta Cruz Cabrália (BA), 14 de Janeiro de 2021.

Joel Ramos Silva Filho

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Lúcia Pereira da Silva, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Santa Cruz Cabrália (BA), 16 de janeiro de 2021.

Lucia Pereira da Silva

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Maria José Souza Dóra, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Santa Cruz Cabrália (BA), 17 de Janeiro de 2021.

Maria José de Souza Dóra

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

UFSB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS- CEP/UFSB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, Patrícia Caldas Silva Santos, autorizo livre e voluntariamente, o/a pesquisador/a **CHARLENE RIBEIRO DE SOUZA**, a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada: **HISTÓRIAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLEGIO MUNICIPAL PROFESSORA NAIR SAMBRANO BEZERRA EM SANTA CRUZ CABRÁLIA/BA**, e concordo livremente em participar dela.

Concordo também que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, caso não queira me identificar, será usado nome fictício. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do/da pesquisador/a.

Sta Cruz Cabrália (BA), 18 de Janeiro de 2021.

Patrícia Caldas Silva Santos

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa